



Departamento de Sociologia

A Identidade Social nas Redes Sociais *Online*: a construção de autoapresentações anónimas mediadas pelo *Grindr*

André Filipe Esteves Gonçalves

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador(a):
Doutor Jorge Samuel Pinto Vieira,
Professor Auxiliar Convidado

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2017



Departamento de Sociologia

A Identidade Social nas Redes Sociais *Online*: a construção de autoapresentações anónimas mediadas pelo *Grindr*

André Filipe Esteves Gonçalves

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador(a):
Doutor Jorge Samuel Pinto Vieira,
Professor Auxiliar Convidado

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2017

Agradecimentos

Ao meu orientador, o Professor Jorge Vieira, pela motivação e *feedback* constantes, por me ter dado as ferramentas necessárias para suceder nesta missão.

Ao Professor Miguel Vale de Almeida, pela sua colaboração numa entrevista exploratória que me ajudou a definir melhor os objetivos iniciais aqui. Ao restante corpo docente do mestrado, que ao longo de unidades curriculares chave, me fizeram pensar fora da caixa.

Aos meus amigos próximos, que, entretanto, incluíram alguns colegas deste mestrado, por terem percebido que precisei de recentrar a minha atenção em várias ocasiões, tendo declinado um ou outro convite ao longo do último ano em prol da escrita deste documento.

Resumo

A mediação gerada por redes sociais *online* (RSO) cria a impressão que conhecemos pelo menos um pouco dos utilizadores que compõem a nossa rede. Pelo que nos apresentam publicamente: os seus “gostos”, os seus “momentos” diários capturados pelas interfaces móveis e replicados através de redes como *Facebook* e *Instagram*. Ainda assim, no que toca às aplicações móveis georreferenciadas de encontros para HSH (homens que têm sexo com homens) como o *Grindr*, o desejo de anonimato dos seus utilizadores ainda é bastante visível. Este trabalho partiu então com o objetivo de encontrar potenciais motivações por detrás de um perfil relativamente anónimo, uma imagem de “discrição” na aplicação *Grindr*. Para tal, recolheu-se informação através de 12 entrevistas mediadas pela própria plataforma *Grindr*, sendo depois analisado o conteúdo recorrendo ao *software MaxQda*. A partir desta análise, uma das principais conclusões obtida foi a de que estas motivações escondem, debaixo da capa comum do desejo pela privacidade, expressões de heteronormatividade apreendidas no mundo fora dos ecrãs dos *smartphones*, validando assim a obra de Miskolci (2013, 2014, 2015) sobre a assimilação de comportamentos heteronormativos, e a busca de um prazer erótico imediato em traços físicos do perfil vistos como “masculinos” neste tipo de autoapresentações. Mas mais importante para a área de comunicação, cultura e TIC (Tecnologias de Comunicação e Informação) foi dar conta do impacto profundo do “colapso de contextos” (Boyd, 2011) neste tipo concreto de comunicação mediada por uma *app*, para esta cultura *queer* em particular.

Palavras-chave: identidade, autoapresentação, anonimato, discrição, *Grindr*, heteronormatividade, colapso de contextos.

Abstract

Mediation generated by social network sites creates the impression that we all know at least a little bit about the users within our network. By what they present to us publicly: their “tastes”, their daily “moments” captured by mobile interfaces and replicated through social networks such as *Facebook* and *Instagram*. Still, when it comes to georeferenced dating mobile apps for MSM (men who have sex with men) such as *Grindr*, a desire of anonymity from its users is still very visible.

This work began therefore with the goal of finding potential motivations que can hide behind a relatively anonymous profile, an image of discretion in the *Grindr app*. For that, information was gathered through 12 interviews mediated by the *Grindr* platform itself, and the content was later analyzed using *MaxQda* software. From this analysis, one of the main conclusions is that these motivations hide, under the common cover of the desire for privacy, heteronormative expressions captured in a world outside of smartphone screens, therefore further validating the work of Miskolci (2013, 2014, 2015) about heteronormative behavior assimilation, and the search for immediate erotic pleasure in physical features deemed as “masculine” in this type of self-presentation. But more important to the area of communication, culture and ICT, was to notice the profound impact of "context collapse" (Boyd, 2011) in this particular type of communication mediated by an *app*, for this *queer* culture in particular.

Keywords: identity, self-presentation, anonymity, discretion, *Grindr*, heteronormativity, context collapse.

Índice

INTRODUÇÃO	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. Identidade Social, (auto)apresentação do “eu” e estigmas associados	3
1.2. Identidades em Redes Sociais Online (RSO)	5
1.3. Heteronormatividade e Performatividade Queer	7
1.4. “Colapso de Contextos” e “Audiências Imaginadas”	8
1.5. Gestão da visibilidade sexual para perfis “discretos”	11
1.6. Erotização dos corpos “anônimos” – enquanto vivência de uma “sexualidade plástica”	13
II. METODOLOGIA	15
2.1. Escolha do método de pesquisa	15
2.2. Escolha da amostra	16
2.3. Escolha da autoapresentação do entrevistador	16
2.4. Condução das entrevistas	17
2.5. Caracterização da amostra – escolha de variáveis, estatísticas gerais	19
III. ANÁLISE DOS RESULTADOS	21
3.1. Principais dimensões de análise	21
3.1.1. Privacidade	22
3.1.1.1. Privacidade como exclusão de presença em outras redes	23
3.1.1.2. Privacidade como relação/jogo de poder	25
3.1.1.3. Privacidade como fruto de colapso de contextos	26
3.1.1.4. Privacidade como medo de ter identidade roubada/ser defraudado	28
3.1.2. Heteronormatividade	29
3.1.2.1. “Gays efeminados” vs. “Gays discretos”	30
3.1.2.2. Heteronormatividade e novos direitos civis – um novo consenso	32
3.1.2.3. Eventos ativistas	33
3.1.3. Erotização da discrição	35
CONCLUSÃO	37
BIBLIOGRAFIA	41
ANEXO A – Guião de entrevista	I
ANEXO B – Perfil dos entrevistados	V
CV (modelo europeu)	VI

Índice de Figuras

FIGURA II.1.: APRESENTAÇÃO ESCOLHIDA PELO APRESENTADOR PARA MEDIAÇÃO	18
FIGURA III.1.: SISTEMA DE CÓDIGOS INICIAL	21

Glossário de siglas

HSH – grupo de homens que têm sexo com homens.

LGBT – acrónimo simplificado usado nas entrevistas, engloba as quatro letras mais associadas a expressões não normativas de orientação sexual e identidade de género: L para lésbicas, G para gays, B para bissexuais, T para transgéneros.

LGBTQIA+ – serve para designar pessoas que não se identifiquem como cisgénero (i.e., cujo o género é o mesmo que o assignado no nascimento) ou heterossexuais. Cada uma das suas siglas indica uma orientação sexual ou identidade de género. Assim temos a letra L para lésbicas, G para gays, B para bissexuais, T para transgéneros, Q para *queers*, I para intersexuais e A para assexuais, podendo também significar “aliados” (aqueles que combatem a discriminação com base na orientação sexual ou identidade de género)¹, sendo o ‘+’ representante das restantes expressões de sexualidade ou identidade de género que não se revejam nas 7 siglas anteriores.

RSO – Redes Sociais Online.

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

VIH – vírus da imunodeficiência humana.

¹ <http://www.uis.edu/lgbtqa/about/lgbtqaterminology/> (acedido a 25-08-2017)

INTRODUÇÃO

Passaram-se quase duas décadas desde que as personagens de Tom Hanks e Meg Ryan trocavam correspondência eletrónica, e se apaixonavam, sem efetivamente saber que eram rivais bem conhecidos em “*You’ve Got Mail*” (1998), a comédia romântica de Nora Ephron que sinalizava uma assimilação mediática do *mainstream* do conceito “encontros virtuais *online*” potenciado pelos “novos *media*”. Duas décadas mais tarde, este anonimato existe, mas sob outras facetas. Dos *sites* acedidos em *browsers*, temos agora aplicativos móveis georreferenciados, com possibilidade para armazenar conteúdos multimédia – nomeadamente fotos que permitam associar de forma inequívoca um perfil a uma pessoa que possa ser conhecida fora desta mediação – ou ligações para outras redes sociais *online* (doravante RSO).

Apesar do incremento da partilha de informação *online* e possibilidade de referências cruzadas, perduram expressões de anonimato em aplicações de mediação de *dating* para homens que têm sexo com homens (HSH) como o *Grindr*. É comum ouvir-se expressões como “discreto”. Esta descrição é no fundo outra designação para o tal anonimato relativo.

Perguntas de Pesquisa e Formulação de Hipóteses

Tendo em consideração esta tendência de anonimato, até promovida pela própria aplicação, este trabalho procurou responder às seguintes questões de pesquisa:

- Quais as principais motivações encontradas para anonimatos relativos em RSO de *dating* para HSH?
- Haverá uma diferença geracional nestas motivações para as expressões de anonimato?

A primeira questão trata no fundo de tentar perceber as motivações pelas quais os utilizadores não revelam mais de si na sua comunicação com o espaço mediado que os rodeia. Já a segunda questão será mais uma subquestão da primeira: tendo sondado uma amostra precisa e não representativa de indivíduos, e recolhido discursos, em que medida estes efetivamente poderão variar de uma geração que antecede uma maior visibilidade mediática do movimento ativista LGBTQIA+ nacional, e uma geração “milénar” que cresceu já com

expressões de ativismo LGBTQIA+ propagadas por diversos *media*. Justificando o critério amostral, escolheu-se assim os 35 anos como fronteira entre as duas faixas etárias analisadas (isto é, nascidos em 1982, sensivelmente), por ser uma idade acima da qual se torne complicado para um indivíduo ter vivenciado, ao longo da sua adolescência, manifestações públicas de ativismo em prol dos direitos LGBTQIA+ , por um lado², e estes novos tipos de comunicação mediada por aplicativos móveis, por outro.

Como hipóteses pensadas *a priori*, o controlo de privacidade será um eixo central, sobre o qual se esconderão então outras motivações. Seja por vivências heteronormativas de processos *pré-coming out* – i.e., usar o *Grindr* gozando da assunção que se é heterossexual, reforçando até uma performance normativa que seja correspondente às expectativas impostas pela sociedade; receios de roubo de identidade; ou então, uma pura erotização pela discrição potencialmente associada a uma vivência mais “plástica” da sexualidade conforme Giddens (1992) a descreveu, e que transitou de espaços públicos, como saunas e casas de banho públicas para um espaço *online*.

Ainda sobre a privacidade, será interessante observar o que distingue este objeto de estudo de outros semelhantes, justificando assim o uso deste em detrimento dos restantes. Outras aplicações (como por exemplo, o *Tinder*) serão preteridas especialmente por este grupo de HSH cuja identidade *online* é tida como “discreta”. O *Grindr*, como interface de mediação, torna-se assim preferível enquanto objeto de análise, pois permite ocultar por opção (a foto de perfil, o *nickname*, o texto descritivo, a distância a que se encontra dos restantes utilizadores, as ligações a RSO externas – tudo é opcional). Será assim também curioso investigar se o indivíduo, pesando estas dificuldades em manter a discrição noutros meios, tenta ainda assim o mesmo tipo de autoapresentação, caso esteja presente noutras RSO para *dating*.

Por fim, no que toca à organização, este trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: no Capítulo 1, teremos uma breve apresentação do estado da arte, com revisão de literatura sobre os conceitos que se acharam fundamentais para o desenvolvimento da investigação; no Capítulo 2, apresentaremos o método de investigação; no Capítulo 3 será descrita a análise dos resultados encontrados; no Capítulo 4 as principais conclusões e potenciais pontos para futura análise.

² A título de exemplo, sabe-se que a primeira marcha nacional em defesa dos direitos LGBTQIA+ decorreu em Lisboa apenas no ano 2000, no ano da maioridade legal de indivíduos atualmente com 35 anos.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Identidade Social, (auto)apresentação do “eu” e estigmas associados

A discussão teórica sobre o conceito de “identidade social” e potenciais processos de estigmatização que esta possa encerrar precede a massificação da internet, e encontra em Goffman (1956, 1986) a voz mais influente e cuja teoria ainda hoje se consegue observar e validar, pese a mudança de contexto social e mediático. O autor (1956) parte de um princípio dramaturgicamente que assenta na ideia do ser humano, enquanto membro ativo de uma sociedade, desempenhar uma série de “performances” para “audiências”, desempenhos esses que variam muito em função da audiência e do contexto da interação. A performance é assim vista como qualquer atividade que o indivíduo exerce perante um grupo de observadores (audiência), implicitamente pedindo à audiência “que levem a sério” (Goffman, 1956: 10). Os intérpretes podem ser, a um dado momento, “sinceros” ou “cínicos”, consoante acreditem na própria interpretação ou estejam conscientemente a usar uma “máscara” respetivamente. O autor faz ainda a distinção entre a “frente social” (i.e. o cenário da performance) e a “frente pessoal”, nomeadamente: “insígnias dos cargos ou posição; vestuário; sexo, idade, e características raciais; tamanho e aparência; postura; padrões de fala; expressões faciais; gestos corporais, e tudo semelhante” (Goffman, 1956: 14, 15), e realça posteriormente a dificuldade de estabelecer um relacionamento social em que os seus atores não entrem em “práticas ocultas incompatíveis com impressões colhidas” (Goffman, 1956: 42). No contexto das redes sociais *online*, uma adaptação possível será a frente social corresponder àquilo que entendemos como interface e respetiva arquitetura da aplicação, e a frente pessoal àquilo que encaramos como sendo “informação de perfil”.

Se a performance é facilmente vista como individual, para Goffman tal visão é redutora. A performance fará muitas vezes parte de um todo maior que o indivíduo – quando um conjunto de indivíduos coopera em encenar uma rotina única pode-se então afirmar que são uma equipa, sendo esta noção de equipa mesmo a unidade básica da *framework* que o autor nos apresenta – no limite, o indivíduo por si só será uma equipa composta apenas por um membro (Goffman, 1956: 54). No caso das RSO, mais concretamente do *Grindr*, poderíamos pensar, dada a particularidade da sua mediação “um-para-um”, encarar, regra geral, equipas de um só indivíduo, mas a verdade é que, nos seus códigos escondidos

partilhados, pode esconder-se aqui uma noção de uma comunidade implícita – algo a explorar mais adiante. Outro conceito-chave para a sua *framework* é o de região – ou seja, “qualquer lugar delimitado (...) por barreiras à percepção” (Goffman, 1956: 66). No contexto de redes sociais *online* georreferenciadas, e num contexto atual de constante mobilidade física, a “região *online*” será redefinida instante a instante. Mais interessante será ligar a separação de Goffman entre palco e atividade de bastidores a dois planos de interação distintos de RSO como o *Grindr*: um onde está contida a performance pública do “eu” (uma mediação puramente visual um-para-muitos, o “eu” observando quem está por perto); o outro um espaço privado, de bastidores, das interações “um-para-um”.

Posteriormente, Goffman (1986) introduz outro conceito útil para o nosso estudo: o de estigma. Fala-nos de como atributos inerentes ao intérprete da performance são potencialmente estigmatizáveis, caso estes não se conforme aos padrões do observador, pela sua diferença. No primeiro caso, temos os chamados “desacreditados”; no segundo, os “desacreditáveis”. Dada a relativa invisibilidade da homossexualidade, sobretudo quando comparada como aspetos como a pertença étnica, ou uma deficiência física, o estigmatizado homossexual pode sentir-se assim tendencialmente tentado a agir como “normal” para a audiência que o observa, uma tendência que passará inevitavelmente para o campo das RSO como o *Grindr*. O autor refere que o estigmatizado pode receber suporte de duas maneiras: dos que partilham o seu estigma (e aí surge outro fator de importância de uma rede social composta inteiramente por “pares”, até como potencial primeiro ponto de contacto com estes), e dos que possam conquistar, com o tempo, e com provas, acesso à sua vida privada – indivíduos por sua vez com uma tendência para levar “existências marginais” (Goffman, 1986: 28). No que diz respeito ao controlo desta vida privada, o autor fala-nos de gerir aquilo que intitula ser “informação social” – i.e. aquela que é exposta pelo próprio presencialmente através por exemplo, de expressões corporais, um traço que as RSO não conseguem controlar. Porém, um traço de informação importante mostrada no contexto social aparenta ter repercussões em tudo semelhantes quer num contexto “face a face” ou mediado por RSO: o “com quem” a pessoa se apresenta, gerando a assunção “fácil” de que o indivíduo “é o que os outros são” (Goffman, 1986: 47), fazendo um paralelo “virtual” com o julgamento inconsciente efetuado com base nos conhecimentos/amizades em comum dentro da rede *online*. Não só há uma gestão minuciosa por parte dos “desacreditáveis” (“discretos”) da sua informação pessoal, como a crença em que a potencial descoberta do estigma possa conduzir

à disrupção de relacionamentos já existentes. “O estigma e o esforço de o escondê-lo ou remediá-lo tornam-se “fixos” como parte da nossa identidade pessoal. Daí o nosso desejo crescente em usar comportamentos impróprios usando uma máscara”, ou de “alguns a publicar material revelador de forma anónima” (Goffman, 1986: 65).

Esta noção de estigma encontra, por sua vez, paralelo com a obra de Becker (1963) sobre “*outsiders*”, mesmo que os “desviantes” das normas sociais impostas por uma autoridade sejam diferentes na obra de Becker: o autor focava-se em músicos de bares e consumidores de *cannabis*, dois tipos de vivências “voluntárias” (i.e., não são inatas), para a partir destes, construir a sua teoria interacionista do desvio. O desvio é sempre contextualizado de acordo com as regras sociais vigentes, sendo que as noções de “certo” ou “errado” serão sempre relativas aos contextos onde decorrem esse tipo de julgamento, sobretudo quando não inscritas num quadro legal. No que toca aos indivíduos que infringem estas regras, estes podem por sua vez ter uma opinião diferente sobre a questão, e achar que quem o julga não tem legitimidade para tal. O termo pode assim ter um segundo significado: aquele que infringe a regra pode pensar que os seus juízes é que são os *outsiders* (Becker, 1963: 15). Assim sendo, num contexto atual de RSO para *dating*, dentro do grupo social de HSH (um grupo por si só composto por “*outsiders*”), os perfis anónimos/discretos podem ser vistos como “*outsiders*” (desviantes), como podem eles próprios acreditar que aqueles que se expõem demasiado serão os verdadeiros desviantes, sobretudo quando a mediação aparenta facilitar interações anónimas.

1.2. Identidades em Redes Sociais Online (RSO)

Tratou-se nos últimos parágrafos de explorar conceitos clássicos da sociologia no que toca à construção de identidade social. Segue-se agora uma breve revisão sobre o que encerra uma rede social *online*, nomeadamente uma RSO. Partindo de revisões de Wasserman e Faust (1994) e Degenne e Forse (1999), Recuero (2009) define uma rede social como “um conjunto de dois elementos”: os atores (os nós de uma rede) e respetivas conexões (“interações ou laços sociais”). No contexto particular *online* destas redes, os atores sociais “não são imediatamente discerníveis; (...) trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço” (Recuero, 2009: 25). Salientando outros trabalhos de teóricos que se focaram na construção do “eu” nas RSO e a visibilidade desse “eu”, como Judith Donath (1999), a autora reforça a tese que é preciso ser visto para existir *online*, é preciso colocar

informação pessoal no perfil. E essa existência é então plenamente julgada e percebida pela informação que mostramos ou ocultamos num perfil, na ausência de qualquer comunicação presencial.

Inspirada pela obra de Meyrowitz (1985), Zizi Papacharissi (2005) debruçou-se sobre o conceito de colapso espacial e temporal aplicado à crescente fusão do *offline* com o *online*. A perda de “sentido de lugar” ganhou afinal uma nova dimensão com a crescente ubiquidade dos utilizadores *online*, enquanto membros de RSO, e a autora expõe precisamente esta falsa dicotomia “real” vs. “virtual” que se está no fundo a atenuar-se cada vez mais, deturpando assim conceitos convencionais de espaço e tempo.

Mas mais importante que a geografia no âmbito deste trabalho, é ter mais uma vez a ideia presente de que a comunidade *online* mediada poder exercer uma influência na identidade, isto é, na autoapresentação dos seus intervenientes (Papacharissi, 2005: 223). Serão ainda, mesmo pesando o passar do tempo, escapes para modelos ideais de relação, como o estudo de Clark (1998) referenciado por Papacharissi (2005) evidenciava: existe nestes espaços um ideal de fantasia de relação, “uma intimidade imaginada, mas sem necessidade de confiança ou compromisso; uma que é gratificante e libertadora, ultimamente e primariamente, para o ‘eu’” (Clark, 1998: 182). É um ideal modelado por normas exteriores à mediação: e aqui segue referência à conclusão do estudo de Postmes, Spears e Lea (1998), que apontava para uma aproximação das performances mediadas pela internet às normas sociais vigentes, aos estereótipos promovidos pelos próprios *media*. A questão colocada por estes investigadores é ainda hoje atual: ao preencher autoapresentações mediadas por computador com estereótipos dominantes do mundo fora desta mediação, estaremos a ter então um mero reflexo do que nos é apresentado pela sociedade, mudando apenas o contexto.

Anatomia da RSO *Grindr*

No contexto específico do nosso objeto de estudo (RSO para encontros de HSH), as construções de identidades sociais *online* são feitas sob meia dúzia de componentes:

- um nome de perfil (“nome de exibição”);
- uma foto de apresentação;
- um texto descritivo (“sobre mim”);

- Secção “*Estats*” – um segmento para colocar (ou não) a idade, a altura, o peso, a etnia, o “porte físico”, a posição sexual, as “tribos” que mais deseja conhecer, o tipo de relacionamento atual, e um campo de texto livre “Em busca de”;
- Secção “Saúde sexual” – seroestado do VIH (seropositivo ou seronegativo) e data do último teste (oferecendo um *link* de perguntas de saúde sexual);
- Secção “Rede social”: Possibilidade de partilhar hiperligações para outras RSO fora do campo dos encontros, nomeadamente *Facebook*, *Instagram* ou *Twitter*.

Conforme dito anteriormente, o *Grindr* apresenta todas estas características como opcionais (e existe até a opção nas suas “ferramentas” de ocultar as suas coordenadas GPS para os restantes utilizadores), fomentando assim o aparecimento de perfis que podemos denominar de “anónimos” ou “discretos”.

1.3. Heteronormatividade e Performatividade Queer

A noção “Goffmaniana” de que tudo o que se apresenta socialmente faz parte de uma performance elaborada e relativamente bem pensada foi replicada e expandida por vários teóricos *queer*.

A chamada “teoria *queer*” originou dos estudos culturais norte-americanos, e emergiu nos finais da década de 1980 “em oposição sociológica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de género” (Miskolci, 2009: 150). Teve como base trabalhos de teóricos como Derruída (1976) e Foucault (1979), nas noções de suplementariedade dos signos (o significado de um signo usa a diferença para demarcar o que não é) e sexualidade enquanto dispositivo histórico de poder, respetivamente.

Judith Butler (1990) foi uma das principais teóricas deste movimento, tendo criticado teorias clássicas feministas ao defender que o próprio género é uma performance, e que o binarismo sexo/género (com base de que são dois conceitos completamente distintos) era em si extremamente limitativo. Para Butler, o sexo e o género são construções culturais, e inseparáveis entre si, no sentido em que não há sexo que não seja já género. O género “prova ser performativo – isto é, constituindo a identidade que é suposto ser. (...) Não há identidade

de género atrás das expressões de género; essa identidade é de um modo performativo constituída pelas próprias ‘expressões’ que se dizem serem seus resultados” (Butler, 1990: 25). Sendo a performance de género uma repetição de algo que precede o próprio indivíduo, e que no fundo replica convenções dominantes de género, é também pôr em causa o próprio “projeto heterossexual”, uma vez que pressupõe em si a ideia que a “heterossexualidade dominante é em si mesma um esforço constante e repetido para imitar suas próprias idealizações.” (Butler, 1993: 125).

Num outro ensaio vital para a “teoria *queer*”, Michael Warner definiu o conceito de “heteronormatividade” (1993) mas o termo só viria a ter uma definição mais completa em 1998, num artigo conjunto com Lauren Berlant: “Por heteronormatividade entendemos as instituições, estruturas de entendimento e orientações práticas que tornam a heterossexualidade não apenas coerente – isto é, organizada como uma sexualidade - mas também privilegiada.” (Berlant e Warner 1998: 548, nota de rodapé). Este privilégio assume várias formas, e estas normas não devem ser entendidas como doutrinárias (e explícitas), mas sim como intrínsecas às tais práticas e estruturas, relativamente invisíveis ao olhar do indivíduo enquanto enquadrado numa sociedade que as use.

É interessante partir dessa invisibilidade relativa que a heteronormatividade goza enquanto norma social para questionar se a performance de género não está intrinsecamente ligada a ela, e à visão consequente de que os signos (binários) “masculino” e o “feminino” acarretam consigo determinados atributos, revelando sempre a dominância que um género tem sobre o outro. Questionar se pode existir aqui uma associação entre “masculinidade” e “discrição” em redes como o *Grindr*, e se essa dita masculinidade é “genuína” ou se não será uma mera repetição de palavras ditas, que precedem até o próprio indivíduo.

1.4. “Colapso de Contextos” e “Audiências Imaginadas”

Relançando o debate da exposição de informação pessoal para um contexto mais contemporâneo, Danah Boyd introduz o conceito intitulado “colapsos de contextos” na sua tese “*Faceted Id/entity*” (2002), inspirada pelos trabalhos clássicos de Goffman (1956) e

Meyrowitz (1985)³. O conceito tem como suporte a noção de que a performance, tendo como base várias audiências, pode gerar pistas contextuais contraditórias, e conseqüentemente, toda a exposição será pensada com bases nestas mesmas audiências e diferentes contextos. “Pistas contextuais mal-entendidas podem levar a que indivíduos apresentem caras inapropriadas, dando assim a impressão errada. Quando um indivíduo quer contextualizar a sua apresentação, tais experiências podem ser desconcertantes. Isto é particularmente verdade quando contextos segmentados são colapsados” (Boyd, 2001: 28). Por outras palavras, vários contextos sociais anteriormente desligados entre si encontram-se agora conectados, graças à mediação em rede oferecida pelas RSO. Tal significa ter potencialmente na mesma rede social, por exemplo, o grupo de amigos, professores da faculdade, colegas de trabalho, a família mais próxima, e ter que gerir uma comunicação de um-para-todos, tentando evitar as tais pistas contraditórias que possam gerar até situações sociais de exclusão, ou de profundo embaraço para o indivíduo.

No contexto de uma rede promovida pelo próprio *medium* como uma plataforma para encontros sexuais, o “embaraço” de estar visível no *Grindr* e ser “descoberto” por potenciais conhecidos na vizinhança, caso por exemplo, não tenha feito um *coming out* para estes chamados conhecidos. A ausência de “fronteiras espaciais, sociais e temporais” de aplicações virtuais (RSO) como o *Grindr* tornará assim “difícil manter contextos sociais distintos” (Boyd, 2011: 49).

Wesch (2009) usaria exatamente o mesmo termo de “colapso de contexto” para refletir também sobre esta autoconsciência na altura de publicar material que possa ser potencialmente revelador e causador de embaraço para o indivíduo que o publica, analisando a *webcam* e a publicação de conteúdo em vídeo na plataforma *YouTube*. Este colapso de um número infinito de contextos, aliado à persistência da informação *online*, gravada a um dado instante, e à sua fácil deslocação para qualquer ponto geográfico com acesso à internet, está a criar “uma versão caótica do ‘eu’ previamente ordenado” (Wesch, 2009: 23).

Este colapso de contextos e o esboroar da esfera pública face à privada, e a dificuldade em contabilizar a audiência destas redes impedirá então ao utilizador de ter uma noção concreta dos membros da sua audiência; ao contrário, por exemplo, das interações não

³ Para um maior aprofundamento da genealogia do conceito, confira-se o *blog* pessoal da autora em <http://www.zephoria.org/thoughts/archives/2013/12/08/coining-context-collapse.html> (acedido a 29-01-2017)

mediadas por estas interfaces. E tal é um desafio acrescido na gestão das impressões mediadas (Vieira e Sepúlveda, 2017).

Anderson (1983) tinha cunhado o conceito de “comunidade imaginada” como sendo uma imagem formada na mente de cada um dos membros de uma nação sobre uma comunidade composta precisamente por todos os membros dessa nação. Esta imagem, socialmente construída, é propagada pelos *media*. Seria impossível ter uma imagem real de todos os elementos de uma comunidade desta ordem de grandeza. Esta noção clássica de “comunidade imaginada” de Anderson pode assim ser adaptada às audiências das RSO, as quais são praticamente impossíveis de determinar com exatidão. É a chamada “audiência imaginada”. E é também Boyd, juntamente com Marwick (Marwick e Boyd, 2011) uma das autoras a debruçar-se sobre este conceito usando como objeto de estudo o *Twitter*, com base no seu próprio conceito de “colapso de contexto”.

Sendo a audiência um elemento tão fulcral no comportamento de uma performance, dando pistas ao “intérprete”, como encarar então esta massa heterogénea e imprevisível? Surge então a questão: “para quem devo dirigir o meu discurso, a minha autoapresentação, quando posso potencialmente encontrar na mesma rede o vizinho do lado, o colega de trabalho, ou um parente?”. Uma questão que assim transita de preocupação exclusiva a profissionais dos *media* e figuras públicas (Meyrowitz, 1985) para qualquer indivíduo que utilize RSO.

Estas audiências, por sua vez, podem ser condicionadas pela própria interface de mediação, com matrizes culturais próprias. “Algumas RSO podem encorajar certos tipos de audiências imaginadas baseados nas suas políticas. Por exemplo, certas RSO têm políticas que encorajam os utilizadores em comunicar usando os seus nomes reais, enquanto que outros sites permitem aos membros da audiência em esconder-se atrás de pseudónimos” (Litt, 2012: 336). Uma das características da interface *Grindr* é promover esta discrição junto dos seus utilizadores, quer pelo preenchimento de dados opcional, quer pela máscara alaranjada que serve como imagem de marca (logótipo).

1.5. Gestão da visibilidade sexual para perfis “discretos”

Este anonimato pode estar associado a preocupação sobre a privacidade ou a potencial deturpação por parte de outros do que se mostra em termos de informação social/pessoal ou de saúde (neste caso concreto, o seroestado⁴ do indivíduo).

Num estudo recente, Corriero e Tong (2016) usaram a teoria de gestão de incerteza, desenvolvida inicialmente por Berger e Calabrese (1975) – para reforçar que esta incerteza nem sempre terá uma conotação negativa. “A incerteza pode providenciar aos utilizadores uma maneira de preservar ilusões positivas” sobre eles “evitando informação adicional (e potencialmente desagradável)” (Corriero e Tong, 2016: 137). Não só isso, como o desejo pela incerteza pode ser alimentado pelas próprias “preocupações sobre uma identidade fraudulenta” (Corriero e Tong, 2016: 138). Nomeadamente, foram mencionados como fatores de preocupação a deturpação de informação pessoal/social, a deturpação de informação de saúde (ligada à seropositividade ou seronegatividade do indivíduo) e ainda preocupações sobre a privacidade virtual (nomeadamente, o medo de ter a sua identidade mediada roubada).

A teoria de que a discrição em redes de encontros homoeróticas está automaticamente ligada a uma vivência fora do meio “*queer*” e uma adesão à norma heteronormativa, foi explorada por autores como Miskolci (2013, 2014, 2015). O uso de expressões como “fora do meio” e expressões reveladoras de “masculinidade” (“macho”, “*brother*”) como traço positivo na autoapresentação de uma identidade propagam assim a ideia que a homossexualidade – ou o homoerotismo, melhor – terá sempre uma visibilidade que é constantemente negociada no ecrã e fora dele, relacionando-se então com os conceitos de heteronormatividade, “gestão de incerteza” e “colapso de contextos”, detalhados nos parágrafos anteriores. Não se trata meramente de se estar ou não no armário (como se fosse um estado binário, independente do contexto em que o indivíduo se encontra a efetuar a sua autoapresentação). “Nesses meios, ser discreto ou se relacionar em segredo não equivale a ocultar a homossexualidade, como na velha expressão ‘estar no armário’, antes negociar – em cada contexto – o grau de sua visibilidade de forma a maximizar a segurança e evitar retaliações morais e materiais” (Miskolci, 2015: 69-70).

⁴ Por “seroestado” entende-se o estado de ter ou não anticorpos detetáveis contra um determinado antigénio.

Estas vivências discretas desafiam assim os avanços políticos contemporâneos, nomeadamente a conquista de direitos LGBTQIA+, como o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a adoção por casais do mesmo sexo, no nosso país. Parecer heterossexual permanece chave, porque a homossexualidade, que adquiriu no pico da epidemia do HIV/SIDA um estatuto mais negativo, pode, para muitos dos perfis analisados pelo autor no Brasil, nunca ter tido uma evolução tão positiva do estatuto anterior, dada a rejeição imediata de uma ideia de homossexual promíscuo. “Ser ou parecer heterossexual ainda é uma condição necessária para não sofrer discriminação e preconceito, daí manejar a própria imagem e interpretá-la continua a ser uma experiência comum e poderosa, delimitadora de corporalidade e inclusive de subjetividades, sob constante auto escrutínio.” (Miskolci, 2014: 58)

A rejeição da homossexualidade implicará também geralmente a rejeição de uma imagem efeminada, através de uma autoapresentação que por sua vez usa um conjunto de palavras enquanto nome de perfil ou texto descritivo que reforcem a ideia de masculinidade por parte do indivíduo, e que assim perpetuem uma visão binária heteronormativa. Há, segundo Miskolci (2013, 2015), uma procura nos contactos homoeróticos de uma fraternidade que se una pelo valor comum da masculinidade, masculinidade essa que será hierarquicamente superior à feminilidade. E assim, essa vontade de partilhar valores heteronormativos da nossa sociedade acaba por se refletir na autoapresentação, em imagens ou palavras, do indivíduo que se rege por essas normas: “... a despeito da existência de sites e aplicativos voltados para sujeitos não heterossexuais, seu uso ainda gira em torno de padrões imagéticos e comportamentais que reverenciam os padrões heterossexuais.” (Miskolci, 2015: 70)

Usando o *Grindr* como objeto de estudo, e entrevistando outros “machos” e “brothers”, Vasconcelos, Vieira e Cal (2017), para além de confirmarem as conclusões dos estudos desenvolvidos por Miskolci (2013, 2014, 2015), exploraram como a autoapresentação anónima destes perfis pode até conter, no seu discurso, para além de referências explícitas a uma masculinidade idealizada como uma fuga à imagem feminizada do homossexual propagada pelos *media*, a rejeição de hábitos de consumo culturais tradicionalmente ligados à comunidade *queer*. Como exemplo, um dos entrevistados deste estudo decidiu demarcar-se de

exemplos de práticas tidas como próximas da cultura *gay mainstream*, como ouvir canções da cantora *pop* Madonna ou assistir à série de televisão “*Looking*”⁵.

1.6. Erotização dos corpos “anônimos” – enquanto vivência de uma “sexualidade plástica”

Foi com a separação de sexualidade e reprodução que emergiram movimentos marcados pela vontade de experienciar o sexo pelo prazer puro, uma “sexualidade plástica” conforme Giddens (1992) viria a referir, como uma “sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução” (Giddens, 1992: 10). O autor, referindo-se a uma sexualidade experienciada anonimamente e repetidamente em espaços como as saunas (mas que podemos facilmente transpor para o mundo *online* do *Grindr*, como sucessor desses espaços físicos), diz-nos que a “sexualidade episódica pode ser uma forma positiva da experiência do quotidiano. Revela a sexualidade plástica pelo que ela (implicitamente) é: o sexo libertado da sua antiga subserviência ao poder diferencial. Por isso, a sexualidade *gay* episódica semelhante à do tipo da cultura da sauna expressa uma igualdade que está ausente da maioria dos relacionamentos heterossexuais, incluindo os transitórios. Por sua própria natureza, ela só permite o poder sob a forma da própria prática sexual: o único determinante é o gosto sexual” (Giddens, 1992: 162).

Esta visão da sexualidade plástica encontra-se implicitamente ligada ao desejo homoerótico, que vive assim a sua sexualidade sempre longe da visão histórica do sexo heterossexual enquanto meio de constituir uma família. Conforme Miskolci indica, a própria comunidade presente em redes como o *Grindr* não só ficou presa à ideia base do “sexo pelo sexo”, como a desejar traços eróticos imediatos nos perfis que visualiza. “Um típico perfil bem-sucedido nos aplicativos tende a ser o que torna o usuário atraente eroticamente, o que pode ser feito por meio da exposição de fotos com dorsos à mostra, músculos, pelos faciais, abdômens definidos.” (Miskolci, 2015: 76).

Couto, Souza e Nascimento (2013) mencionam este erotismo com o seu estudo com utilizadores das aplicações *Grindr* e *Scruff* (outra RSO muito famosa entre HSH), frisando que esta erotização pode funcionar, em alguns casos, exclusivamente na plataforma – i.e., que muitos dos encontros sexuais serão experienciados *offline*, com a mera troca de fotos íntimas.

⁵ Série dedicada às aventuras românticas de três homossexuais masculinos em São Francisco.

Se a plataforma no geral é erotizada, se esta erotização é puramente comunicativa, haverá também a possibilidade de um desejo erótico pelo anonimato? Pelo puro prazer estético de ver um corpo sem cara, livre dos constrangimentos que tal apresentação mais “identificável” possa provocar?

II. METODOLOGIA

2.1. Escolha do método de pesquisa

Foi assumido que este estudo passaria por uma abordagem qualitativa desde o início da pesquisa, pois sentiu-se desde cedo que quaisquer perguntas de partida sobre uma temática tão nebulosa como a identidade social e a autoapresentação numa rede social *online* solicitariam inevitavelmente respostas profundas, abertas, e não necessariamente representativas.

Sendo assim, optou-se por analisar o conteúdo de entrevistas semiestruturadas minimamente intensivas, seguidas por um guião (Anexo A), a 12 indivíduos pertencentes à população de HSH que cultivassem um perfil tido como “discreto” (ver subcapítulo 2.2. Escolha da amostra, para um maior detalhe sobre os critérios usados para determinar a discricção de uma autoapresentação).

Dado o carácter específico do objeto de análise, optou-se por usar o próprio *Grindr* como mediador das entrevistas, tendo plena consciência das limitações que surgiriam com esta abordagem: respostas potencialmente mais pensadas e editadas, e menor sincronismo que uma interação face a face.

Apesar das perguntas feitas seguirem muito o guião entretanto desenvolvido, um dos propósitos aqui subjacentes seria o de aproveitar as respostas únicas de cada entrevistado como oportunidades para explorar mais cada uma das dimensões aqui presentes.

Esta análise das transcrições das entrevistas por sua vez teve como referência central a “*grounded theory*”, inicialmente desenvolvida por Glaser e Strauss (1967) e posteriormente atualizada por Strauss e Corbin (1990), que tem então uma base indutiva de construção de teoria com base em dados empíricos (qualitativos), e, portanto, uma construção de um sistema de códigos e subcódigos com base nas dimensões presentes nos dados. De salvaguardar que, pese a base indutiva de tal técnica, nunca em momento algum se teve como objetivo inferir de uma amostra tão pequena para generalizações, e conseqüentemente novas teorias. Simplesmente, tratou-se de observar potenciais padrões e confrontá-los com a teoria existente (Capítulo I), usando para tal uma amostra não representativa.

2.2. Escolha da amostra

Dentro das técnicas de amostragem não probabilística, e dada a intenção clara de a) não se pretender dados representativos e b) ter a intenção de arranjar uma amostra que não fosse totalmente aleatória, uma vez que seria preciso também analisar, em número igual, potenciais diferenças entre duas faixas etárias, optou-se então por uma combinação de dois tipos de amostragem, a dois níveis.

Tendo em conta que precisávamos de modelar a amostra para responder precisamente à segunda questão de pesquisa (“Haverá uma diferença geracional nestas motivações para as expressões de anonimato?”) recorreu-se então a uma divisão por duas “quotas” de faixas etárias: dos 15 aos 35 anos, e dos 36 anos em diante (inclusive). Neste aspeto, foi então feita uma amostragem intencional, isto é, “escolher casos/participantes de um modo estratégico, para que estes membros sejam relevantes para as questões de pesquisa que estão a ser colocadas.” (Bryman, 2012: 418).

Dentro de cada quota por faixa etária, a amostragem foi então por conveniência, descrita por Bhattacharjee (2012: 69) como “a técnica no qual uma amostra é determinada a partir de uma parte da população que está próxima do nosso olhar, prontamente disponível, ou conveniente”, selecionando (ou tendo o nosso perfil sido selecionado por) 12 indivíduos da aplicação relativamente próximos geograficamente, que se mostraram disponíveis a responder a estas questões. Os restantes atributos variáveis, como grau de escolaridade ou estado civil, não obedeceram a qualquer quota.

Em termos de critérios amostrais escolheram-se indivíduos que estivessem na zona centro de Lisboa, e os critérios de “discrição” foram simplificados. Foram tidos em conta apenas dois critérios para a validação destes perfis como discretos: a) não apresentar uma foto identificável de cara; b) não apresentar referências explícitas para outras RSO, onde o utilizador pudesse eventualmente estar mais visível.

2.3. Escolha da autoapresentação do entrevistador

Com estes critérios definidos, foi preciso discutir a autoapresentação do perfil do próprio entrevistado. Após alguma ponderação, optou-se por colocá-lo em pé de igualdade

com a população alvo, com a diferença de apresentar um nome e um texto de perfil que dessem de imediato a apresentar este estudo. Por um lado, pensou-se que a apresentação identificável de uma cara pudesse colocar o entrevistador como conhecido de potenciais perfis com os quais se cruzasse e pudesse assim viciar respostas (além de o colocar também visível para todos os utilizadores que estivessem por perto). Por outro lado, acreditou-se que tal apresentação suportaria uma maior identificação com os entrevistados, e que a falta de cara conduziria menos a conversa para caminhos mais “erotizáveis”. Esta opção acabou por se revelar um sucesso, dado que se estipulou inicialmente um período de dois meses para a condução destas entrevistas mediadas, prazo esse que conseguiu ser encurtado em mais de metade, dada a adesão dos utilizadores ao estudo. Apresentou-se assim uma alternativa válida, que felizmente não enfrentou, neste contexto, as dificuldades demonstradas por Vasconcelos, Vieira e Cal (2017) – que, no seu estudo com o mesmo objeto (*Grindr*), optaram por uma observação participante com um perfil sem nome, mas com uma foto de cara, não revelando a intenção de pesquisador, pois a possibilidade de bloqueio era iminente. No nosso caso, esse bloqueio não foi notório; houve apenas entrevistas que não foram completadas.

Tanto a imagem como o texto de perfil pretendiam ser mais informais que outros textos introdutórios em estudos semelhantes, dada a especificidade deste espaço. Para tentar criar um efeito de proximidade ainda maior, acrescentou-se também a idade verdadeira do entrevistador. A apresentação escolhida encontra-se detalhada na Figura 2.1, na página seguinte.

2.4. Condução das entrevistas

As entrevistas decorreram de 5 a 27 de março de 2017, na zona centro de Lisboa (freguesia de Arroios), geralmente com o entrevistador em casa, isolado de outras pessoas, tirando uma ou outra exceção, devidamente assinalada nas notas pessoais na fase posterior de transcrições.

Tentou-se, para além dos perfis que demonstravam interesse pela descrição contida no perfil de entrevistador criado, identificar perfis que estivessem perto e que encaixassem nos filtros de discricção acima descritos, e assim perguntar diretamente se estariam dispostos a

participar no estudo, mas verificou-se que tal carácter pró-ativo não era tão bem-sucedido como a curiosidade dos eventuais entrevistados.



Figura II.1.: Apresentação escolhida pelo apresentador para mediação

Este interesse pelo perfil do entrevistado notou-se particularmente relevante na faixa etária dos 18-35 anos, tendo esta sido a primeira quota a ser fechada. Posteriormente, para cumprir a outra quota, voltou-se então a tomar uma atitude mais pró-ativa, alterando também o texto de perfil para indicar que só eram necessários indivíduos a partir dos 35 anos, e para cada perfil por perto que pudesse encaixar na nossa amostra, perguntando se não gostaria de participar no estudo.

Houve o cuidado de informar todos os entrevistados sobre o âmbito e o enquadramento do estudo, assim como o anonimato das suas respostas. Este anonimato foi neste caso particularmente crucial, pois foi precisamente a investigar motivações do anonimato nas RSO que este estudo centrou a sua investigação. Babbie (2008: 71) forneceu um caminho possível para esta preservação do sigilo dos entrevistados, numa secção sobre confidencialidade. Decidiu-se então associar aos nomes de utilizadores dos 12 perfis entrevistados um número de 1 a 12, e a criar uma tabela de correspondência entre esse número (ex.: “Entrevistado 1”) e o nome do utilizador a qual se refere, conhecida apenas pelo investigador.

A gestão da manutenção do envolvimento do entrevistado com a entrevista, uma das chaves de sucesso para esta abordagem qualitativa (Ferreira, 2014), tornou-se aqui um pouco mais complexa, dado as duas entidades não se encontrarem fisicamente no mesmo local.

Tentou-se, no entanto, aproveitar o bónus de se estar também na mesma plataforma mediada sobre a qual as experiências dos indivíduos foram transpostas em respostas, para tentar “banalizar tanto quanto possível” (Ferreira, 2014: 985), sendo a interação igual, senão no conteúdo, na forma, a tantas outras. O uso de uma linguagem coloquial, a comunicação totalmente informal do chamado “termo de esclarecimento livre e esclarecido”, salientando acima de tudo o carácter anónimo das respostas dadas, e a disponibilidade para o entrevistador responder também a questões que se demonstrassem pertinentes no contexto do estudo de modo a integrar o entrevistado, foram as “manhas” mais usadas ao longo da condução dos questionários.

Após a conclusão desta etapa, o conteúdo foi então capturado por *print screens* da aplicação, e posteriormente transcrito para documentos *Microsoft Word*, prontos a serem importados pelo *software MaxQda* para posterior análise.

2.5. Caracterização da amostra – escolha de variáveis, estatísticas gerais

Começando a análise com uma breve caracterização da amostra, a média geral de idades dos entrevistados foi aproximadamente igual ao limite escolhido entre grupos etários (35,3 anos), sendo que para a faixa dos 18 aos 35 anos tivemos 30,2 anos, e para a faixa acima dos 45 anos, a média foi de 40,5 anos.

Apesar de todas as entrevistas terem decorrido na área geográfica de Lisboa centro, um dos entrevistados referiu morar no concelho de Santarém, sendo que os restantes entrevistados residiam efetivamente no concelho de Lisboa. O uso do concelho do entrevistado enquanto variável pareceu então redundante. Também o uso da variável “sexo” (género) como variável determinante deste estudo pareceu supérfluo, sendo o nosso alvo a comunidade de HSH. Dito isto, como nota de rodapé, esta rede também tem sido utilizada por indivíduos transgénero, e poderia, fruto de um acaso estatisticamente improvável, ter-se dado o caso de termos capturado uma identidade de género diferente da masculina, categorizada em simultâneo pela nossa classificação como “discreta”. Como tal não sucedeu, facilmente a podemos retirar da lista.

Tal como dito acima, a única variável que obedeceu a um sistema de quotas foi a faixa etária, uma vez que ia de encontro a uma das questões de pesquisa centrais: teriam as

motivações para a privacidade uma variância significativa de geração para geração? Ainda assim, foram escolhidas como variáveis adicionais a analisar:

1. Estágio do *coming out* – considerou-se aqui uma segmentação por 3 níveis:

- nível 1, ninguém sabe da sua orientação sexual;
- nível 2, orientação sexual revelada em certos contextos – i.e. só um número seletivo/próximo do universo de pessoas próximas sabe (família e amigos);
- nível 3, indivíduo encontra-se disponível para fazer o *coming out* no seu dia-a-dia com quem lhe interessar, ou assume a sua orientação sexual quando diretamente questionado;

Dito isto, o nível que se prestou maior atenção foi o nível mais privado da pirâmide;

2. Imagem de perfil: uso de uma foto de corpo, ou não;
3. Uso de algum texto descritivo, ou não;
4. Orientação Sexual – homossexual, bissexual ou outra (*queer*, heterossexual, etc.) – sendo que esta opção não foi proferida por nenhum dos 12 entrevistados aqui, encaixando-se todos os indivíduos em homossexuais ou bissexuais.

O Anexo B – Perfil dos entrevistados apresenta um resumo das principais características destes entrevistados, tendo como base as variáveis acima descritas, assim como um comentário geral sobre a sua postura perante as questões colocadas.

III. ANÁLISE DOS RESULTADOS

O primeiro passo para a análise do conteúdo foi então a importação destes 12 documentos (entrevistas) e a construção de variáveis definidas na secção anterior. De seguida, construiu-se um sistema de códigos inicial em tudo semelhante à estrutura do guião de entrevistas, o qual está exposto na figura 2, presente na página seguinte:

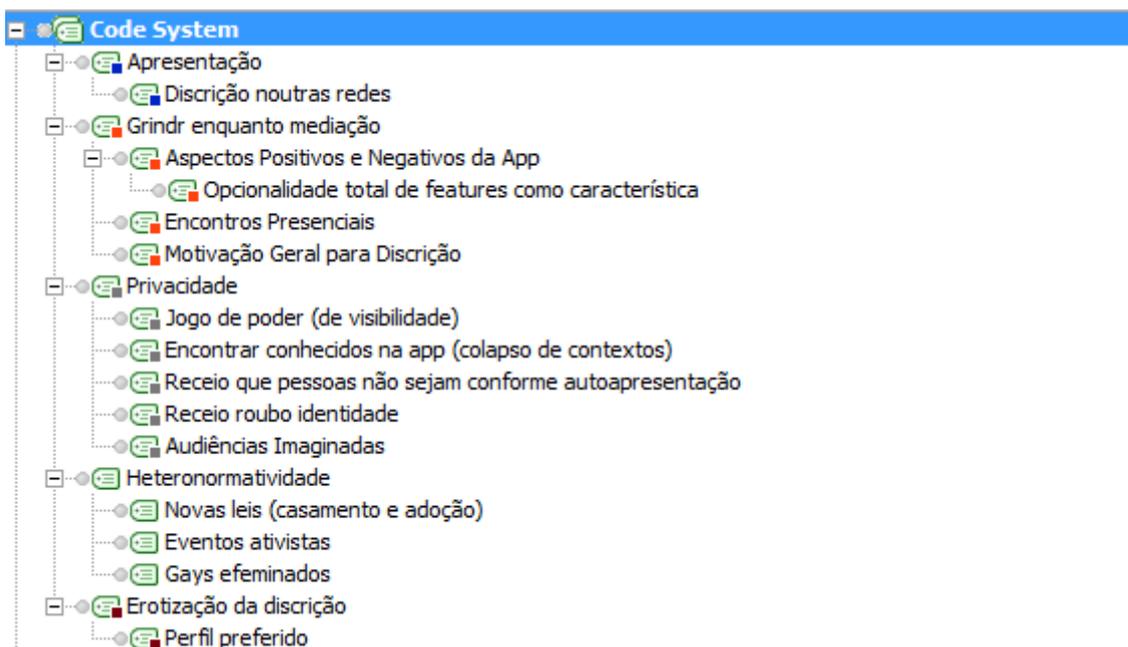


Figura III.1.: Sistema de Códigos inicial

Partiu-se então para uma análise temática, tendo-se validado que o único novo tema a surgir após esta análise foi o subtema “Jogo de poder (de visibilidade)” dentro da temática (Controlo de) “Privacidade”.

3.1. Principais dimensões de análise

A análise prendeu-se nos seguintes três grandes vetores (dimensões) abordados na revisão de literatura:

1. Privacidade
2. Heteronormatividade
3. Erotização da discrição

Ao longo da revisão destas dimensões mais macro incidiu uma discussão especial sobre se os resultados obtidos variavam de uma geração para outra, através do uso da variável faixa etária (18-35 anos *vs.* maiores de 35 anos).

De seguida, iremos então discutir os principais resultados obtidos por cada uma destas dimensões de análise.

3.1.1. Privacidade

Começando pela privacidade, diríamos que este foi o grande vetor transversal à maioria (senão mesmo a totalidade, conforme demonstrado abaixo) dos entrevistados para a sua autoapresentação discreta. Senão vejamos: é um termo que todos lançam a certo ponto, seja diretamente ou indiretamente (através de sinónimos, como “sigilo”, por exemplo), independentemente de variáveis como o estágio de *coming out*.

Antes até de avançar sobre qualquer resposta presente nos questionários por entrevista, notamos logo uma necessidade especial para este sigilo em vários indícios comunicacionais. Um terço dos entrevistados (4 em 12) não apresenta qualquer nome de perfil – três dos quatro entrevistados nestas condições estão na faixa etária acima dos 35 anos. Dos restantes oito, há dois que optam ou por reticências ou por um símbolo indecifrável – pouco mais revelando sobre a sua identidade. Outro usa as iniciais “Lx”, associado ao acrónimo da cidade de Lisboa, dando uma mera pista sobre ser um habitante local. Em adição a estes dados, dois terços dos entrevistados (8 em 12) não apresentam um texto descritivo por baixo do nome de perfil, e três quartos (9 em 12) efetivamente não mostram qualquer foto que identifique uma parte do seu corpo – as restantes três focam-se numa imagem do tronco, não necessariamente nu, mas tendencialmente (em dois dos três casos registados), alinhando assim com a tendência geral observada nesta RSO de construção de perfis discretos.

Onze em doze mencionaram assim a privacidade como motivação maior para a sua autoapresentação discreta. Eis algumas dessas 11 citações que se encaixaram nesta perceção:

“Sim. Privacidade. Controlo da mesma.” (Entrevistado 1, 36 anos)

“Vários. Um, a ideia de ser identificado a porta de casa n me agrada. Não é de ser identificado como gay, é de ser simplesmente identificado. Tipo estar na fila do super e alguém me reconhecer daqui.” (Entrevistado 2, 35 anos)

“Uma questão de descrição [sic] mesmo. Só mostro a pessoas que conversem cmg. O restante não precisa de saber. Eheheh” (Entrevistado 4, 30 anos)

“Simplesmente não quero ter “uma cara conhecida”, mas como te disse, mostro um pouco da cara, para quem me conhece, sabe que sou eu. Não tenho nada a esconder. Mas mostro para quem me pede” (Entrevistado 5, 35 anos)

Por contraste, o único *outlier* neste ponto tem a seguinte resposta:

“Porque não quero. É uma opção válida.” (Entrevistado 12, 37 anos)

Ou seja, com a exceção de uma resposta evasiva, todos se ligam a um controlo de exposição da sua representação mediada. Mais interessante será observar mais de perto o que encerra esse desejo em não se expor – a tal gestão de visibilidade revista no capítulo teórico. Com a colocação de mais questões sobre o bloco da privacidade, a narrativa geral de não exposição decompõe-se mais claramente – isto apesar das citações acima sobre a pergunta de “motivação geral para a autoapresentação *online* vista como discreta” já por si darem pistas vitais.

3.1.1.1. Privacidade como exclusão de presença em outras redes

Quando questionados sobre que tipo de outras redes usavam, um padrão formou-se: os três indivíduos do universo que se identificaram como bissexuais revelaram não possuir qualquer outro tipo de aplicação. Eis as justificações:

“É suficiente. Não faço das plataformas *online* o meio preferencial para conhecer pessoas.” (Entrevistado 6, 43 anos)

“Porque é só de homens, e permite manter a discrição. E porque é popular, o que é

importante.” (Entrevistado 7, 30 anos)

“Prática. Aplicação.” (Entrevistado 8, 43 anos)

Dos restantes nove indivíduos identificados como homossexuais, houve uma maioria (5 em 9 respostas) que afirmou usar uma outra rede semelhante. Das redes alternativas ao *Grindr*, o *Facebook* foi mencionado duas vezes associado como RSO de *dating*, curiosamente. Outras redes mencionadas, com uma menção cada: *Growl*, *Tinder*, *Manhunt*, *Scruff*.

Sobre se o estilo de apresentação se mantinha entre redes, houve apenas duas respostas negativas. Em primeiro lugar, destacado, temos o entrevistado que afirmou usar também o *Tinder* e que reconheceu uma apresentação do “eu” menos discreta nessa aplicação – uma diferença que a própria interface no fundo forçava, ao ter uma ligação ao *Facebook*. Porém, e tal como aconteceu em redes mais “genéricas” como o *Facebook*, este indivíduo acabou por contar que apresentava duas contas distintas na plataforma *Tinder*:

“O tinder e diferente pq estando ligado ao facebook não é tão anónimo. (...) Tenho duas contas lá agora. Uma sem casa. [sic] E outro c as minhas fotos de perfil do facebook. Eu usei a conta c cara um tempo. E a certa altura decidi q n o queria fazer, e deixei de usar.” (Entrevistado 2, 35 anos)

Houve, no entanto, quem tenha arriscado numa foto com óculos de sol numa outra rede, um nível mais próximo da visibilidade, mas ainda assim com sigilo suficiente para negar identificação fácil (o estágio de *coming out* neste caso concreto era intermédio – indicativo, portanto, de quem tinha feito *coming out* pelo menos para as pessoas mais próximas da sua vida):

“No outro tenho uma foto de perfil igual mas tenho uma foto visível se fores visitar. Foto minha mas como óculos de sol.” (Entrevistado 9, 37 anos)

Por parte dos indivíduos sondados nesta amostra, a liberdade total que a plataforma *Grindr* possibilita aos seus utilizadores é, regra geral, tida como um fator positivo, caso contrário não permitiria as suas próprias autoapresentações anónimas. Ainda assim, não

deixou de ser curioso que tenha existido um entrevistado que achasse que fotos de cara deviam ser obrigatórias, indo contra a sua própria performance discreta, e denunciando esta ligação entre discricção e (auto)discriminação:

“No entanto as fotos de cara deveriam ser obrigatórias! Acho uma estupidez não se mostrar a cara, é uma mentalidade mesquinha e retrógrada que enquanto não formos nós a combater nunca deixará de existir preconceito!” (Entrevistado 10, 24 anos)

3.1.1.2. Privacidade como relação/jogo de poder

Este foi um subtema que, embora implícito no guião, foi deixado explícito por um dos entrevistados, que nos disse o seguinte:

“A questão essencial é sempre o controlo da privacidade. Depois pode-se é ramificar em diferentes tipos de uso desse controlo. O perfil é uma relação de poder. O paradigma mais interessante a usar é o do *free rider*. Se ninguém tivesse foto não haveria desejo pela aplicação. Estes que não põem fotos são boleistas. Eu uso a discricção para controlar quem irá ver. Por exemplo se tiveres foto de rosto envio logo a nossa foto. Para equilibrar a relação de poder. Muitos tentam aproveitar esta vantagem mais tempo. Não enviando sequer a foto. Boleistas são todos. E todos têm essa vantagem. Se compreenderes como nós usamos essa vantagem. Podes compreender essas intenções.” (Entrevistado 1, 36 anos)

Perante esta descrição, outras três citações, duas delas presentes até numa pergunta inicial de motivação, começaram a encaixar nesta teoria:

“Porque a maioria não tem! É irritante este poderio do eu sei quem és mas tu não sabes quem sou lol” (Entrevistado 10, 24 anos)

“Porque não gosto que toda a gente veja quem sou. Não me sinto confortável nem seguro em ter uma foto de cara.” (Entrevistado 11, 27 anos)

Ou então numa questão de erotização:

“Enquanto não há imagem, podes projectar o que estas a procura. O que te excita ou gera interesse. Eventualmente qd a imagem surge, o interesse desaparece dado o confronto com a idealização. Ou n.” (Entrevistado 2, 35 anos)

Qualquer que seja o prisma, esta relação de poder parece estar presente em um terço dos entrevistados, portanto, aparentando ir de encontro a estudos que refletem sobre esta gestão de incerteza” – como o de Corriero e Tong (2016), e sobre como isso se torna algo positivo para quem esteja numa relação em que consiga saber mais do outro que vice-versa, por exemplo.

Em termos geracionais, talvez haja apenas um dado interessante de três destas quatro respostas pertencerem à faixa dos 18 aos 35 anos, e a quarta (e a maior) pertencer a um indivíduo logo na cauda da segunda faixa etária (36 anos).

Sobre esta questão de não revelar muito como sinal de vantagem, achou-se interessante tentar relacionar estes relatos à presença de uma imagem corporal e/ou um texto descritivo⁶. E chegou-se à conclusão que três dos quatro entrevistados que identificaram este “jogo do poder” como motivação para a privacidade ou não apresentam qualquer texto descritivo ou não partilham uma imagem do seu próprio corpo (metade destes não apresenta nenhuma das duas características, e dos restantes dois, cada um apresenta uma e uma só característica).

3.1.1.3. Privacidade como fruto de colapso de contextos

Sobre o conceito de audiências imaginadas, as respostas surgiram mais nebulosas do que seria esperado à partida. Verificou-se, em primeiro lugar, que perguntar diretamente sobre o tipo de “audiências imaginadas” carecia de uma explicação abrangente, uma outra percepção que permitisse ao entrevistado responder ao que queríamos efetivamente perguntar. Citações como as transcritas abaixo tornaram-se infelizmente a norma:

“Penso no meu *target*.” (Entrevistado 1, 36 anos)

⁶ Usando para tal a funcionalidade *Crosstabs* do *MaxQda*.

“Pessoas da minha idade ou até 10 anos mais velhas.” (Entrevistado 11, 27 anos)

“N penso em audiência, mas tenho certa curiosidade em saber quem escolhe falar comigo, geralmente n inicio conversas.” (Entrevistado 2, 35 anos)

“Imagino um tipo de audiência que responde a estímulos visuais e gráficos, que se interessa ou desinteressa com facilidade, e que vê o sexo como um objeto de consumo.” (Entrevistado 7, 30 anos)

“Não penso nas audiências, excepto na escolha da foto. Tenho consciência que não me enquadro na expectativa da maioria dos utilizadores.” (Entrevistado 6, 43 anos)

Como se pode observar, notou-se acima de tudo uma vontade em imaginar audiências como gostos pessoais puros – e até cultivando a ilusão que a simples edição de um perfil conduz à edição da audiência que segue – ao invés de vê-las como elementos “perigosos” para a preservação da tal privacidade – que tanto fizeram questão de salientar, como motivação principal. Houve, no entanto, uma exceção à regra, que ligou até numa frase o conceito de “audiência imaginada” ao de “colapso de contextos”:

“Sim. Por exemplo, também alugo quartos a estudantes e já vi alguns dos meus inquilinos na app.” (Entrevistado 3, 47 anos)

Sobre o conceito de “colapso de contextos”, as respostas fluíram mais facilmente ao encontro do estudo de Boyd (2011). Todos os 12 entrevistados confessaram já ter encontrado alguém aqui que conhecessem quer “do meio” (*gay*), quer de contextos mais profissionais (um colega de trabalho, um arrendatário...). As reações dividiram-se entre a surpresa (nos casos “não identificáveis”), e a normalidade de quem já contava encontrar aqui tal indivíduo. O receio de uma autoapresentação mais visível com a consciência de ter um conhecido na audiência (ou de ter uma interação com o tal conhecido) mostrou-se em um terço dos casos como sendo um fator relevante:

“Já encontrei alguém que sabia quem era, do contexto profissional. E que me reconheceria, acabei por falar com ele sem me identificar.” (Entrevistado 2, 35 anos)

“(…) não interajo com pessoas que conheço.” (Entrevistado 7, 30 anos)

“Eu trabalho e vivo praticamente na mesma zona. E há muita gente mas mesmo muita a querer festa, digamos assim. E não quero ser identificado.” (Entrevistado 3, 47 anos)

“Já encontraste alguém conhecido aqui? Se sim, qual foi a sensação?

E> Surpresa.

P> Fez-te refletir sobre a tua autoapresentação anónima como exemplo? Como um reforço do sigilo?

E> Sim sem dúvida.” (Entrevistado 8, 43 anos)

Todos estes quatro indivíduos afirmaram estar ainda a experienciar uma vivência no “armário” em pelo menos algum sector da sua vida (família, trabalho...). Dois destes pertencem inclusive a um estágio de *coming out* inicial (ou seja, não contaram a ninguém da sua orientação sexual). Faz, portanto, sentido esta consciência extra do conhecido como agente destabilizador da sua identidade “desacreditável”, na perspetiva clássica de Goffman (1986).

Houve ainda um relato de um bloqueio (por parte do Entrevistado 11), mas ficou por se perceber como sucedeu exatamente tal dinâmica – se por ausência de resposta no envio de foto de cara, ou por ter ocorrido um reconhecimento mútuo, que tenha levado a que utilizador tenha bloqueado o entrevistado pelo simples facto deste ser conhecido.

Nestes casos, o fator geracional não aparentou ter grande relevância.

3.1.1.4. Privacidade como medo de ter identidade roubada/ser defraudado

Existe uma perceção comum de que a internet é um palco facilmente enganador. Dois terços (8 em 12) dos entrevistados admitiram ter receio de autoapresentações de terceiros não serem exatamente o que aparentam; uma das respostas negativas disse, no entanto, não tomar em grande consideração qualquer medo, uma vez que não tinha encontros presenciais – se os tivesse, então sim, teria em consideração o tema; outra dessas respostas negativas relata experiências pessoais, sendo o seu trunfo geralmente falar umas semanas com a pessoa, usando para tal outras mediações (RSO):

“Mas conheço alguns casos assim, que não eram as pessoas das fotos. Visto que o meu conceito de ir conhecer alguém pessoalmente passa por falar algumas semanas com essa pessoa, noutras redes sociais (Facebook) visto que é mais difícil alguém criar um face falso ou um insta.” (Entrevistado 4, 30 anos)

Quanto ao receio em ter o próprio perfil pessoal roubado, são 5 em 12 entrevistados a responder sim – um número bastante menor, portanto. Mais interessante será validar que todas as respostas afirmativas não apresentam de facto qualquer foto do seu corpo no perfil. Também sobre esta questão, houve uma resposta negativa que reconheceu, ainda assim, experiências pessoais onde o roubo possa ter acontecido. O mais interessante é a opinião diferir sobre a capacidade acrescida desta rede social *online* em concreto em facilitar tais fraudes:

“Já o fizeram no passado [roubo de identidade *online*] ... Por isso seja aqui seja em outro sítio nunca estamos seguros! Não é por ser uma *app gay* que o risco é maior.” (Entrevistado 10, 24 anos)

Este tipo de discursos por um lado vai novamente de encontro ao trabalho de Corriero e Tong (2016), sobre a “gestão da incerteza” em plataformas de *dating* como o *Grindr* ter também como base: a) a proteção sobre perfis fraudulentos e b) o receio de ver a própria identidade roubada. Por outro lado, existe neste entrevistado uma generalização, uma hipótese, que o *Grindr* é um mero reflexo do restante mundo mediado, relativamente inseguro, tão ou mais que outras mediações heterogéneas, heterossexuais.

Também aqui não se verificou grande diferença de opiniões entre faixas etárias. Das oito respostas afirmativas no que toca ao receio de fraude na autoapresentação de terceiros, 4 foram registadas em cada uma das faixas etárias alvo. Das cinco respostas que afirmavam rezear um roubo de identidade, três foram para a faixa etária mais elevada (> 35 anos), e dois para a faixa inferior.

3.1.2. Heteronormatividade

Depois da privacidade, e relacionado com esta, a heteronormatividade acabou por ser outra justificação plausível para apresentações mediadas mais discretas.

3.1.2.1. “Gays efeminados” vs. “Gays discretos”

Logo por uma análise inicial dos nomes de utilizador escolhidos, dos apenas 6 que decidiram atribuir pelo menos uma letra (i.e., algo diferente de um sinal de pontuação ou um símbolo indecifrável, portanto), metade (Entrevistados 5, 7 e 9) decidiu escolher logo à partida expressões para os seus nomes (*nicknames*) que remetem de imediato para uma imagem de “normalidade masculina”. De ser ou procurar essa normalidade – que pode até no limite excluir curiosamente “vícios” relacionados com a prática de exercício físico num ginásio, conforme o Entrevistado 5 chegou a frisar; ou então, de algo que se encontre “fora da cena” (gay).

Não se encontrou o “*Brother*” (“Mano”) do estudo de Miskolci (2013), talvez também por uma questão de diferença cultural da linguagem, mas sentimos implicitamente a mesma procura de fraternidade em torno de um ideal espelhado à sua imagem discreta, para que possam passar, caso seja necessário, para um espaço público sem levantar suspeitas. Podemos aqui questionar-nos se esta fraternidade subentendida não será por si uma variante do conceito clássico de performance de equipa de Goffman (1956), sendo que a “rotina única” aqui encenada, coordenada invisivelmente, passa por propagar valores sociais normativos da comunicação não mediada numa comunicação mediada.

Faz assim todo o sentido que haja precisamente a rejeição explícita do que pode constituir um homem mais “anormal” que o socialmente padronizado para estes três entrevistados. Um homem que fuja ao modelo heteronormativo, portanto:

“São gays como eu. Não fazem o tipo de homem que aprecio, mas respeito a maneira de ser e de estar de cada uma. Um.” (Entrevistado 9, 37 anos)

“Sexualmente, não me entusiasma. Socialmente, acho que em muitos casos comprometem a imagem pública dos homossexuais, e prejudicam a defesa dos direitos dos homossexuais.” (Entrevistado 7, 30 anos)

“Nada contra mas não fazem meu género, impossível alguma relação com algum, impossível mesmo! Amizade no máximo sem preconceito. Normais no sentido de serem homens

masculinos e sem vícios de corpos e perfeição. Basicamente procuro o meu espelho, eu sou o meu ideal” (Entrevistado 5, 35 anos)

Estas três opiniões negativas são acompanhadas de mais opiniões que reforçam a tal distância pessoal desta imagem e identidade. Dos 12 entrevistados, apenas dois assumem uma postura mais de indiferença sobre o grupo. Dois acabam por associar indiscriminadamente características femininas a um papel mais submisso (como é historicamente o da mulher, numa relação heterossexual, uma postura completamente normativa). E, num gesto surpreendente, um dos entrevistados não gosta da designação por esta ser “heteronormativa”:

“N gosto da expressão. É heteronormativa. Para mim é o mesmo que ser um armário do ginásio. N me atrai particularmente.” (Entrevistado 2, 35 anos)

Com base nesta amostra, o consenso foi claro: discursivamente aceita-se com chavões politicamente corretos, mas sexualmente rejeita-se. Notou-se claramente uma vontade de exprimir a diferença social/sexual sem sequer tal explicitação ter sido pedida, o que fez por sua vez questionar até que ponto este “respeito social” possa ser de facto genuíno ou um mero produto do chamado “viés da desejabilidade social” - tendência de responderem à questão de acordo com o que é socialmente correto e esperado (Keeter, 2005: 137), num momento de interação social como é o da entrevista, do que fica bem dizer para não se ser acusado de preconceituoso. Mais politicamente incorreto, um dos entrevistados atribuiu deliberadamente o signo “coisas” a este grupo de homens que possam apresentar uma expressão de género não tão desejavelmente masculina.

Em 9 dos 12 casos, esta rejeição sexual foi, portanto, exprimida abertamente, e não escolhe também propriamente uma faixa etária, sendo uma visão partilhada dos 27 aos 47 anos:

“Esse tipo de coisas não me atrai.” (Entrevistado 3, 47 anos)

“Respeito mas não fazem o meu género. Gosto de pessoas masculinas.” (Entrevistado 11, 27 anos)

“Não sou contra. Tenho amigos que o são e saio com eles na boa. Simplesmente não me cativam em termos de relação seria, nesse sentido procuro alguém como eu.” (Entrevistado 4, 30 anos)

“Não me identifico com esse tipo de pessoas. Não gosto mesmo.” (Entrevistado 8, 43 anos)

Há também uma relação sobre a feminização e a promiscuidade, aqui ligada também às dimensões quer do erotismo quer da dicotomia privacidade/visibilidade (no que o “outro” possa ver sobre o indivíduo de desejável). Repare-se por exemplo nos seguintes testemunhos:

“Provavelmente veem nisso um ponto em comum. Ou algo tipo “este n deve ser uma rameira que praqui anda”.” (Entrevistado 2, 35 anos)

“Simplesmente não quero ter “uma cara conhecida” (...). Este último perfil criei há poucas semanas. Edito de forma a ter uma audiência selecionada. Ou melhor, um descarte de putas, prostitutas e fora da minha faixa etária.” (Entrevistado 5, 35 anos)

“Na cama acho piada a um passivo que assuma uma postura de fêmea.” (Entrevistado 6, 43 anos)

3.1.2.2. Heteronormatividade e novos direitos civis – um novo consenso

Neste tópico, temos aqui um consenso. Tanto a lei do casamento entre pessoas do mesmo sexo, como a lei da adoção por casais do mesmo sexo, entretanto aprovadas, gozam de um índice de aprovação alto nesta amostra de entrevistados.

De facto, o único comentário “indiferente” quer para uma lei, quer para outra (situado precisamente no limite das duas faixas etárias), justifica-se pelo facto destas transições serem recentes:

“Nada contra, não tenho opinião formada, é uma transição muito recente de novos estilos de vida.” (Entrevistado 5, 35 anos)

De resto, deste universo de 12 indivíduos, são 11 a votar favoravelmente no casamento, e 9 na adoção. A aprovação destas leis aparentemente contribuiu para uma nova normatividade entre a diferença.

3.1.2.3. Eventos ativistas

Sobre eventos ditos ativistas, na altura de construção do questionário achou-se que se podia juntar marcha LGBTQIA+ e Arraial Pride⁷. Com este pressuposto, tem-se, no entanto, a consciência que um destes eventos (a Marcha) é claramente mais político – logo, mais ativista que o outro, esse claramente em tom de festa, claramente mais apelativo às massas.

Com isto em mente, expressões como as transcritas abaixo dominaram as opiniões mais positivas, que contaram aqui com liderança marginal (com 5 comentários positivos, contra 3 negativos e 4 mistos/indiferentes):

“Que é uma forma de cada um se expressar. E de defender os direitos.” (Entrevistado 9, 37 anos)

“N sou ativista. (...) Acho que ser ativista é importante. No entanto não tenho essa prática.” (Entrevistado 1, 36 anos)

“respeito mas não participo...” (Entrevistado 11, 27 anos)

“Acho que já foram mais importantes. (...) São fundamentais para o reconhecimento e conquista de direitos básicos. Mas penso que estamos num momento em que é mais importante haver gays assumidos em certos locais. Nomeadamente cargos públicos.” (Entrevistado 2, 35 anos)

Mas também, há quem repita exatamente o discurso sobre “comprometimento da imagem pública do homossexual”, aplicado anteriormente aos “gays efeminados”, ou que os compare a um carnaval:

⁷ Evento que em Lisboa, é promovido atualmente pela associação ILGA Portugal, de defesa dos direitos LGBTQIA+.

“Acho que na esmagadora maioria dos casos comprometem a imagem pública dos homossexuais, e prejudicam a defesa dos direitos dos homossexuais.” (Entrevistado 7, 30 anos)

“Aliás quem participa é que os ridiculariza.(...) Se for para ir para a palhaçada prefiro o Carnaval de Torres.” (Entrevistado 3, 47 anos)

“Acredito nas boas intenções dos organizadores (defesa dos direitos) mas na pratica descambam quase sempre em palhaçada que dignifica pouco as comunidades lgbt.” (Entrevistado 6, 43 anos)

Algo interessante de se observar num dos comentários “mistos”, foi o elogio da festa (arraial) face à manifestação (marcha), precisamente por um defensor da “normalidade”:

“Sou contra a marcha! Altamente humilhante para todos os gays! Ridículo! O arraial é mais tranquilo, tem muita gente, é uma festa normal com música, tem muita gente, apenas com a temática gay” (Entrevistado 5, 35 anos)

Importante também salientar: dos 4 comentários mais negativos, 3 deles são de bissexuais, no armário (i.e., pertencendo ao nível 1 do estágio de *coming out*), e sem presença de imagem do próprio no perfil. Há, portanto, aqui uma ligação lógica entre a performance de género (conforme descrita por Butler (1990, 1993)) “invisível” do quotidiano, em adesão total às regras heteronormativas, conforme apresentadas por Berlant e Warner (1998), e os sentimentos negativos sobre uma visibilidade que fuja precisamente a esses parâmetros normativos.

Novamente, estes testemunhos vão de encontro à obra de Miskolci (2013, 2014, 2015), no que toca, respetivamente: a) à noção de uma fraternidade unida pelo que é masculino, normal, fora do meio como sendo superior àquilo que socialmente possa ser qualificado como feminino; b) à rejeição da ideia de “homossexual promíscuo e viciado”, e, consequentemente, à adesão a um padrão heteronormativo.

3.1.3. Erotização da discrição

Se a heteronormatividade encontra um ponto de ligação com a privacidade, por outro lado a erotização do “ser discreto” está intrinsecamente ligado à heteronormatividade.

Esta associação justifica-se por ter como ideal de perfil desejado precisamente o que se pretende apresentar. Logo, o desejado pretende ser um espelho do que se “é” nesta rede. E consequentemente, daquilo que “não se mostra”:

“Mas o que me atrai será o perfil de alguém com foto masculina. Ou sem foto mas que seja compatível com o q procuro.” (Entrevistado 9, 37 anos)

“Não gosto de excentricidades [Gays efeminados, pagar para ter sexo, pissing, coisas desse género.]” (Entrevistado 3, 47 anos)

“Discretos, masculinos e sem manias de ginásios.” (Entrevistado 5, 35 anos)

Se juntarmos estes aos comentários transcritos no subcapítulo anterior a propósito da rejeição geral de “gays efeminados” a um nível erótico/sexual, temos aqui um quadro bastante consensual: “normais” procuram “normais”; ou, pelo menos, a fantasia de alguém que possa passar por heterossexual – ou seja, sendo em qualquer dos casos o homem masculino essa imagem de normalidade:

“Excita a ideia de estar com um hetero ou alguém que não aceita a sua sexualidade.” (Entrevistado 11, 27 anos)

“Sim. Há quem fique interessado pelo facto de não saberem o aspecto. (...) é muito frequente outros perfis s foto meter conversa.” (Entrevistado 2, 35 anos)

“Sim, alguns gostam disso. Principalmente os não assumidos. O facto de não usar foto pessoal leva-os a concluir que dou[sou?] alguém que procura sigilo.”

[Achas que discretos ainda procuram discretos?]

“Sim. É sempre assim será. Sentem-se mais seguros.” (Entrevistado 6, 43 anos)

“Mas o que me atrai será o perfil de alguém com foto masculina. Ou sem foto mas que seja compatível com o q procuro.” (Entrevistado 9, 37 anos)

E não deixa de ser novamente curioso, que é por vezes a não perguntar diretamente que temos mais pistas sobre o que o que realmente pretendíamos observar: neste caso, a eleição de um perfil preferido foi muitas vezes melhor respondida quando se colocou a opinião sobre um grupo não-preferido.

Confirma-se também pelo relato de um dos testemunhos aqui o que tínhamos revisto com Miskolci (2015) – um perfil eroticamente atraente para os demais, com uma foto de corpo canonicamente desejável, é sempre receita para um maior número de interações nesta RSO, face a outros estilos de autoapresentação:

“Eu tinha uma imagem de uma paisagem quase ninguém metia conversa cmg, só pessoas que queriam conversar. Mudei para a foto do meu corpo, é só convites para *fun*.” (Entrevistado 4, 30 anos)

“Perfis com foto de corpo, de preferência sem rosto, e com descrição explícita do que a pessoa procura na *app*.” (Entrevistado 7, 30 anos)

CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão, validámos, em primeiro lugar, que a RSO *Grindr* é tida como uma plataforma ideal para este tipo de autoapresentações discretas, pois promove e permite uma liberdade total na escolha das características de perfil a disponibilizar aos seus utilizadores. O utilizador pode assim deixar qualquer campo da apresentação por submeter, da imagem de perfil à localização. Tal como avançado no capítulo anterior, existe entre os entrevistados uma opinião globalmente positiva desta liberdade de ocultação..

Pareceu existir dentro desta amostra uma gestão estratégica da performance (Goffman, 1956) intencional consciente em ter estas autoapresentações específicas, num desejo comum pela privacidade. A motivação para a procura de privacidade desdobra-se, por sua vez, em várias narrativas paralelas, sendo três as que mais se destacaram:

1. O receio de encontrar alguém conhecido, sobretudo estando num estágio de “*pré-coming out*” – indo aqui de encontro ao “colapso de contextos” de Boyd (2011) em contextos mediados;
2. Um jogo de poder pela visibilidade (chamado por um dos entrevistados como paradigma do *free rider*);
3. Um receio de fraudes de identidade, confirmando o estudo de Corriero e Tong (2016) sobre “gestão de incerteza” usando igualmente o *Grindr* como objeto de estudo.

Se o controlo da privacidade é um aspeto consciente, outra ilação poderá não estar tão presente na mente dos entrevistados: a de que estas autoapresentações são também reflexo de comportamentos presentes em interações não mediadas. A noção de que a internet é um palco ideal para experimentar novas identidades revelou-se há muito tempo falaciosa. Muito antes da chegada das RSO, Postmes, Spears e Lea (1998) tinham já tecido a conclusão que as normas sociais e estereótipos promovidos pelos *media* tinham limitado por sua vez as performances mediadas. Por outras palavras, traduzindo para o contexto concreto deste estudo, a comunicação mediada entre HSH não pode estar desligada da heteronormatividade que caracteriza a sociedade contemporânea de forma transversal, seja em contextos mediados ou presenciais, *offline* ou *online*. E esse fator revelou-se proeminente também neste estudo. Assim que pedimos aos entrevistados uma opinião sobre “*gays efeminados*” o consenso discursivo desta amostra tendeu a discriminar este grupo, considerando-o como socialmente

tolerável, mas indesejável sexualmente. E no único caso em que o discurso até se inverteu (segundo a lógica: indesejável socialmente, até pode gerar um fetiche no plano da sexualidade), foi com a associação imediata a um papel sexual de passivo a uma identidade feminina, confirmando assim a “heterossexualidade compulsiva e naturalizada” que distingue papéis masculinos e femininos também pelas práticas de desejo heterossexual, conforme assinalada por Butler (1990: 22-23).

Estes perfis revelaram assim uma vontade de estar com outros perfis “masculinos”, “normais”, à imagem do que Miskolci (2013, 2014, 2015) tinha verificado com o seu trabalho neste campo da erotização de perfis discretos reféns da heteronormatividade. A saber:

- Aparenta aqui existir uma busca por uma comunidade idealizada, de homens normais procurando semelhantes, para assim poderem passar despercebidos em público nas suas relações;
- Os padrões imagéticos e comportamentais nestes perfis referenciam padrões heterossexuais, associando sempre um papel feminino a um papel submisso.

Daí que o eixo da heteronormatividade se cruze tão facilmente com o da erotização de perfis mais discretos: a fantasia sexual de estar com alguém com uma performance não efeminada será precisamente um resultado direto de um culto pela heteronormatividade.

Estas motivações não apresentaram, pela pequena amostra aqui trabalhada, grandes diferenças etárias – ou seja, entre uma geração que viveu a sua orientação sexual sem grandes expressões ativistas mediáticas em defesa dos seus direitos, e uma geração que passou já a sua adolescência com essas manifestações em prol dos direitos LGBTQIA+. Nem sequer nestas manifestações ativistas houve um claro domínio de opiniões positivas da geração “milénar” face à geração (ou gerações) precedente(s), e ambas se uniram num consenso pelos direitos civis entretanto alcançados – e aqui talvez tenhamos discursos politicamente corretos perante algo que está agora socialmente legitimado e convenientemente legislado.

Podemos então concluir, pela amostra analisada, que a comunicação mediada pelo *Grindr* revela comportamentos e padrões apreendidos fora da mediação, numa interação social face a face. Muda meramente o contexto: de um espaço público mediado para um espaço público não mediado, onde as audiências poderão ser mais controladas. Será então a combinação do colapso de contextos mediado nas RSO, aliado à apreensão de normas sociais com origem no mundo não mediado, da heteronormatividade e do seu poder sobre o estigmatizado, do receio do encontro de agentes desestabilizadores da sua identidade

“desacreditável” segundo a definição clássica dos estigmatizados de Goffman (1986), que ditam uma necessidade de privacidade para estes atores sociais, e conseqüentemente, de uma autoapresentação sem uma representação que os identifique de forma inequívoca.

Como ponto para futuras investigações nesta área de estudo específica, seria pertinente expandir este trabalho para uma amostra maior, e ainda para uma outra localização, apresentando uma comparação entre amostras de um meio urbano vs. rural, com o intuito de tentar validar eventuais diferenças no estilo da autoapresentação. Seria pertinente até introduzir novas variáveis sociográficas, como a etnia, para detetar outro tipo de histórias, outras discriminações acrescidas, nestes processos de comunicação. Seria também interessante abordar temas transversais a este e a outros anonimatos, que, por questões de síntese, foram conscientemente postas de parte, como é o caso do *serosorting*⁸ existente quando se comunica neste tipo de RSO.

Com este trabalho, tentou-se explorar uma forma de comunicação em uso crescente – a mediação via RSO. Este é um fenómeno que tem suscitados amplos debates nas mais variadas áreas, da academia aos *media*, sobre as suas implicações comunicacionais e relacionais e até individuais (psicológicas). Conforme avançado por teóricos como Papacharissi (2005) o colapso temporal e espacial que encerra este tipo de mediação fará com que a própria distinção entre o *online* e o *offline* seja cada vez mais errónea. Cada vez mais a mediação *online* está presente no quotidiano, e, apesar de operar sobretudo no plano do simbólico e das representações, apresenta conseqüências reais. A progressiva comunicação em rede promove o colapso dos contextos conforme definido por Boyd (2011) que por sua vez é uma conseqüência direta do colapso temporal e espacial mencionado acima.

Comunicar com uma audiência ilimitada faz com que esta tenha que ser imaginada. A apresentação do eu será em muito modelada pela audiência imaginada com vista a uma maximização do potencial de desejo. A gestão das apresentações será sempre influenciada por normas e expectativas sociais, sejam elas externas ou internas à mediação via RSO.

⁸ Nome dado à escolha de um parceiro sexual seroconcordante, ou seja, com o mesmo seroestado de HIV.

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, Benedict (1983), *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London, Verso.
- Babbie, Earl (2008). *The basics of social research*. Belmont, CA, Thomson/Wadsworth.
- Becker, Howard (1963), *Outsiders; studies in the sociology of deviance*, London, Free Press of Glencoe.
- Berger, Charles e Richard Calabrese (1975), “Some explorations in initial interaction and beyond: Toward a developmental theory of interpersonal communication”. *Human Communication Research*, 1, 99–112.
- Berlant, Lauren e Michael Warner (1998), “Sex in public”, *Critical Inquiry* 24, 547–566.
- Bhattacharjee, Anol (2012) "Social Science Research: Principles, Methods, and Practices". *Textbooks Collection*, 3, disponível em: http://scholarcommons.usf.edu/oa_textbooks/3/ (acedido a 05-09-2017).
- Boyd, Danah (2002), *Faceted Id/entity: Managing Representation in a Digital World*, Cambridge, MA, Tese de Mestrado para o MIT.
- Boyd, Danah (2011), “Social network sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications”, em Zizi Papacharissi (org.) *A Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*, New York e London, Routledge.
- Bryman, Alan (2012), *Social Research Methods*, Oxford, Oxford University Press.
- Butler, Judith (1990), *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York, Routledge.
- Butler, Judith (1993), *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York, Routledge.
- Clark, Lynn (1998), “Dating on the net: Teens and the rise of ‘pure’ relationships”, em S.G. Jones (org.), *Cybersociety 2.0*, Thousand Oaks, CA, Sage.
- Corriero, Elena e Stephanie Tong (2016), Managing uncertainty in mobile dating applications: Goals, concerns of use, and information seeking in Grindr, *Mobile Media & Communication*, Vol. 4(1), 121-141.
- Couto, Edvaldo, Joana Souza e Sirlaine Nascimento (2013), “Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura”, apresentação no *SIMSOCIAL - Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidades*, 10 e 11 de outubro de 2013, Salvador.
- Degenne, Alain e Michel Forse (1999), *Introducing Social Networks*, London, Sage Publications.
- Derrida, Jacques (1976), *Of Grammatology*, Trad: Gayatri Chakravorty Spivak, Baltimore, John Hopkins University Press.
- Donath, Judith (1999), “Identity and Deception in the Virtual Community”, em Peter Kollock e Marc Smith. (orgs.), *Communities in Cyberspace*, New York, Routledge.
- Ferreira, Vitor (2014), “Artes e manhas da entrevista compreensiva [Arts and tricks of comprehensive interview]”. *Saúde e Sociedade*, 23 (3), 979-992.
- Foucault, Michel (1979), *The History of Sexuality Volume 1: An Introduction*, London, Allen Lane.
- Giddens, Anthony (1992), *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, Trad. Magda Lopes, São Paulo, Editora Unesp.
- Glaser, Barney e Anselm Strauss (1967), *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*, Chicago, Aldine.
- Goffman, Erving (1956), *The presentation of self in everyday life*, University of Edinburgh Social Sciences Research Centre.

- Goffman, Erving (1986), *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*, New York, Simon & Schuster, Inc.
- Keeter, Scott (2005), “Survey Research”, em Daniel Druckman (org.), *Doing Research: methods of inquiry for conflict analysis*, Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications.
- Litt, Eden (2012), Knock, knock. Who’s there? The imagined audience, *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 56, 330–345.
- Marwick, Alice E. e Danah Boyd (2011), I tweet honestly, I tweet passionately: Twitter users, context collapse, and the imagined audience, *New Media & Society*, volume 13, number 1, 114–133.
- Meyrowitz, Joshua (1985), *No Sense of Place: The Impact of Electronic Media on Social Behavior*, New York, Oxford University Press.
- Miskolci, Richard (2009), A teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização (queer theory and sociology: the challenge of analysis of normalization), *Sociologias*, 11(21), 150-182.
- Miskolci, Richard (2013), Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas online, *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, IEG-UFSC, v. 21, n. 1.
- Miskolci, Richard (2014), Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais, *Bagoas – Estudos gays, gêneros e sexualidades*, vol.8, nº11, Natal, UFRN, 51-78.
- Miskolci, Richard (2015), “Discreto e fora do meio” - Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cad. Pagu [online]*, n.44, pp.61-90. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4449201500440061> (acedido a 30-01-2017).
- Papacharissi, Zizi (2005), The real/virtual dichotomy in online interaction. A meta-analysis of research on new media uses and consequences. *Communication Yearbook*, 29, 215-238.
- Postmes, Tom, Russell Spears e Martin Lea (1998), Breaching or building social boundaries? Side-effects of computer-mediated communication., *Communication Research*, 25, 689-715.
- Recuero, Raquel (2009), *Redes Sociais na Internet*, Porto Alegre, Sulina.
- Strauss, Anselm e Juliet Corbin (1990), *Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques*, Beverly Hills, CA, Sage Publications.
- Vasconcelos, Osvaldo, Manuela Vieira e Daniela Cal (2017), Vitrine Virtual: comunicação, práticas corporais e sociabilidade no Grindr. *Verso e Reverso*, 31(76):36-45.
- Vieira, Jorge e Rita Sepúlveda (2017) A autoapresentação dos portugueses na plataforma de online dating Tinder, *Observatorio (OBS*)*, 11 (3), 153-185
- Warner, Michael (org.) (1993), *Fear of a Queer Planet*, Minneapolis, MN, University of Minnesota Press.
- Wasserman, Stanley e Katherine Faust (1994), *Social network analysis: methods and applications*, New York, Cambridge University Press.
- Wesch, Michael (2009), YouTube and You: Experiences of Self-awareness in the Context Collapse of the Recording Webcam, *Explorations in Media Ecology*, volume 8, number 2, 19–34.

ANEXO A – Guião de entrevista

“ANONIMATO NAS REDES SOCIAIS *ONLINE*” GUIÃO DE ENTREVISTA

Editor	André Gonçalves
Versão	1
Data	25 fevereiro 2017
Revisão 1	
Revisor	01 de março por Jorge Vieira
Revisão 2	
Revisor	27 de março por André Gonçalves

Parte 1 – Introdução

1. Perguntar a idade, mesmo que explícita no perfil.
2. Se tivesses que definir a tua orientação sexual, qual seria? Porquê?
3. Consideras-te uma pessoa “fora do armário”? Porquê?
Se dentro: alguém sabe? Porquê? Admitirias um dia o *coming out*? Com quem?

Parte 2 – *Dating online* (extra *Grindr*)

1. Usas mais plataformas de *dating online*?
(caso afirmativo)
 - a. Quais? Porquê mais do que uma? Porquê só uma?
 - b. Manténs o mesmo estilo discreto nelas? Porquê?

Parte 3 – O *Grindr* como mediação

1. Quais considerarias ser os melhores e os piores aspetos do *Grindr* como interface?
[caso não surja explicitamente como resposta: O que achas do facto do *Grindr* opcionalizar/ocultar todas as características do teu perfil? Como o classificas?]
2. Já chegaste a ter encontros presenciais com utilizadores aqui?

Parte 4 – Motivações da discrição

1. Existe algum motivo em concreto pelo qual não apresentes a foto de cara aqui? Porquê?

Parte 4.1 – Colapso de Contextos e Privacidade

1. Quando criaste o teu perfil ou quando o editas, pensas no tipo de audiência que poderás encontrar aqui?
(caso afirmativo)
 - a. Que tipo de audiência, ou audiências, imaginas? Isso tem implicações na forma como te apresentas? Quais? Porquê?
2. Alguma vez encontraste aqui alguém conhecido na aplicação?
(caso afirmativo)
 - a. Qual foi a sensação? Porquê?
3. Sentes receio que a tua identidade seja roubada?

4. Tens receio que as pessoas com quem interages nesta rede não sejam exatamente quem se apresenta no perfil?

Parte 4.2 – Heteronormatividade

1. Se tivesses que definir o tipo de perfil que mais te excita (ou atrai?) aqui, qual seria? Tipo de fotografias? Tipo de textos? Abordagem nas mensagens. Porquê (A todos os pontos)?

2. Qual a tua opinião sobre “gays efeminados”? Porquê?

3. E o que tens a dizer sobre eventos ditos “ativistas” (como as marchas, o arraial *Pride*, etc.)?

4. E sobre as leis do casamento entre pessoas do mesmo sexo e da adoção por casais do mesmo sexo? (Fazendo questão de pedir uma opinião sobre cada uma em específico, sempre que se revelasse necessário/sempre que ficasse relativamente ambíguo)

Parte 4.3 – Erotização da discrição

1. Quando utilizadores começam a meter conversa contigo, alguma vez manifestaram excitação explícita pela tua discrição?

(caso afirmativo)

Na tua opinião, o que os atrai?

Caracterização sociográfica

Em que ano nasceu?

Atual concelho de residência:

Estado civil?

Solteiro

Casado/União de facto

Divorciado/Separado

Viúvo

Tem filhos?

Quantos filhos tem?

Contando consigo, quantas pessoas vivem, habitualmente em sua casa?

Qual o grau de escolaridade mais elevado que completou:

Instrução primária incompleta/analfabeto(a)

1º Ciclo do Ensino Básico (Instrução primária)

2º Ciclo do Ensino Básico (Preparatório/ 6º ano / 6ª classe, 1º ciclo dos liceus, ensino técnico comercial ou industrial, equivalente no ensino profissional)

3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano; 5º ano dos liceus; escola comercial/industrial; 2º ciclo dos liceus ou ensino técnico comercial/industrial, equivalente no ensino profissional)

Ensino Secundário (12º ano; 7º ano dos liceus, equivalente no ensino profissional)

Ensino Superior (Bacharelato, Licenciatura, Pós-Graduação ou Mestrado)

Doutoramento

Qual é a sua condição perante o trabalho?

Estudante

Trabalhador-estudante

Bolseiro

Trabalhador

Desempregado

Reformado ou Pensionista

Doméstica(o)

Qual é a sua **situação na profissão** – atual ou anterior?

Patrão

Trabalhador por conta própria / Independente / Profissional Liberal

Trabalhador por conta de outrem (assalariado)

Trabalhador não remunerado em empresa familiar

Outra situação - Qual?

Qual é a sua **profissão actual**?

[Agradecer]

NOTAS DO ENTREVISTADOR

Data

Local (Descrição)

Hora de Início

Hora de Finalização

Condições/contexto geral da entrevista

Interrupções

Comodidade

Sozinho ou acompanhado

Grau aparente de sinceridade do entrevistado

Grau de à vontade do entrevistado

Grau de interesse do entrevistado

Grau de compreensão das respostas

Perguntas mais complicadas de responder/perceber

Comentário geral

ANEXO B – Perfil dos entrevistados

PERFIL DOS ENTREVISTADOS - Resumo de caracterização						
Entrevistado	Idade	Localidade	Grau de Escolaridade	Estado Civil	Situação laboral	Vive sozinho?
1	36	Lisboa	Ensino Superior	Solteiro	Trabalhador por conta outrem	Sim
2	35	Lisboa	Ensino Superior	Solteiro	Bolsheiro de Doutoramento	Não (com um colega)
3	47	Lisboa	Ensino Superior	Divorciado	Trabalhador por conta própria e por conta de outrem	Sim
4	30	Santarém	Ensino Superior	Solteiro	Desempregado	Não (vive com família)
5	35	Lisboa	12º ano	Solteiro	Trabalhador por conta de outrem	Sim
6	43	Lisboa	Ensino Superior	Solteiro	Trabalhador por conta de outrem	Sim
7	30	Lisboa	Ensino Superior	Solteiro	Trabalhador por conta de outrem	Sim
8	43	Lisboa	Ensino Superior	Solteiro	Trabalhador por conta de outrem	Sim
9	37	Lisboa	Ensino Superior	Solteiro	Trabalhador por conta de outrem	Não (disse viver provisoriamente com um colega)
10	24	Lisboa	Ensino Superior	Solteiro	Trabalhador por conta de outrem	Não (partilha casa com colegas)
11	27	Lisboa	Ensino Superior	Solteiro	Trabalhador por conta de outrem	Sim
12	37	Lisboa	Ensino Superior	Solteiro	Trabalhador por conta própria	Sim

PERFIL DOS ENTREVISTADOS - Variáveis usadas na análise						
Entrevistado	Faixa Etária	Estágio Coming Out	Foto de corpo no perfil?	Texto Descritivo?	Orientação Sexual	Comentário
1	> 35 anos	3	Não	Sim	Homossexual	Entrevistado demonstrou ser literado, não só porque frequentou o Ensino Superior, como frequentou precisamente o Mestrado em Comunicação, Cultura e TI. No final, parecia estar a fazer um papel de vogal, e foi dando sugestões ao longo da entrevista de como melhorar o estudo.
2	<= 35 anos	2	Não	Não	Homossexual	À semelhança do Entrevistado 1, entrevistado mostrou-se bastante literado, e com vontade de aplicar o seu passado académico, ao ponto até de usar a expressão “heteronormativa” ao criticar a expressão “gays efeminados” ou de fornecer sugestões sobre a condução do estudo.
3	> 35 anos	2	Não	Não	Homossexual	Entrevistado começou por ceder um mail pessoal em alternativa a responder às questões via <i>Grindr</i> , curiosamente. Após ter dito que tal viciaria os resultados, transformando uma entrevista semi-estruturada para uma totalmente estruturada, marcou-se uma hora específica para se estar online na plataforma, tendo demorado pouco mais de meia hora.
4	<= 35 anos	1	Sim	Sim	Homossexual	Entrevistado demonstrou particular interesse em responder abertamente às questões, o que permitiu por sua vez avançar com perguntas fora do guião.
5	<= 35 anos	3	Sim	Sim	Homossexual	Outra entrevista em menos de 1h. Primeiro entrevistado, alguma necessidade extra de reformular questões.
6	> 35 anos	1	Não	Não	Bissexual	Demorou apenas 1h e 12 min a concluir, sem repetição de questões
7	<= 35 anos	1	Não	Sim	Bissexual	Entrevista arrastou-se por 5 dias mas não repetiu questões.
8	> 35 anos	1	Não	Não	Bissexual	Entrevistado mais monossilábico de todos.
9	> 35 anos	3	Não	Não	Homossexual	Entrevista rápida (menos de 1h) e tranquila, sem dúvidas.
10	<= 35 anos	3	Sim	Não	Homossexual	Algum excesso de drama (pontos de exclamação) no discurso.
11	<= 35 anos	2	Não	Não	Homossexual	Demorou 6 dias a completar esta entrevista - duração mais longa das 12.
12	> 35 anos	3	Não	Não	Homossexual	Ligeiramente monossilábico nas respostas

CV (modelo europeu)

CURRICULUM VITAE

INFORMAÇÃO PESSOAL

Nome	GONÇALVES, ANDRÉ
Morada	AV. AVELINO TEIXEIRA DA MOTA, LOTE 316, 2º ESQUERDO, 1950-034 LISBOA
Telefone Pessoal Profissional	960063152
Mail Pessoal Mail Profissional	andrefilipeestevesgoncalves@gmail.com
Nacionalidade Data de Nascimento	Portuguesa 13 de dezembro de 1985

HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

- Data de Conclusão (dd-mm-aaaa) A concluir dissertação (deadline: setembro de 2017)
- Nome Completo da Instituição de Ensino ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa
 - Nome Completo do Curso Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação
 - Qualificação atribuída | A determinar (média atual pré-dissertação: 17/20)
 - Classificação Média Final obtida
- Data de Conclusão (dd-mm-aaaa) 09-11-2011
- Nome Completo da Instituição de Ensino Instituto Superior Técnico
 - Nome Completo do Curso Engenharia Informática e de Computadores (Sistemas de Informação Empresariais – área principal; Sistemas Inteligentes – área complementar)
 - Qualificação atribuída | Mestre (Bolonha) | 15/20
 - Classificação Média Final obtida

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Datas (de [dd-mm-aa] – até [dd-mm-aa]) De 5 de setembro de 2016 – atualidade
- Nome e endereço do empregador Altran
Av. D. João II - Lote 1.07.2.1 - Piso 2, 1998-014 Lisboa
Consultoria TI
Consultant
 - Tipo de empresa ou sector
 - Função ou cargo ocupado
 - Principais atividades e responsabilidades- Integrado a tempo inteiro num projeto *corporate* de BI “interno” (i.e., do próprio grupo Altran), responsável pela manutenção deste DW e respetiva camada de *reporting*. Tecnologias: OBIEE, ODI, Microsoft SQL Server.
- Datas (de [dd-mm-aa] – até [dd-mm-aa]) De 20 de junho de 2015 a 04 de setembro de 2016
- Nome e endereço do empregador Aubay

<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de empresa ou sector • Função ou cargo ocupado <ul style="list-style-type: none"> • Principais atividades e responsabilidades 	<p>Centro Empresarial Torres de Lisboa, Rua Tomás da Fonseca, Torre G, 1º, 1600-209 Lisboa Consultoria TI Consultor BI - Inicialmente contratado para integrar um projeto de transformação (remodelação) do DW existente no projeto da PT-SI (MEO), mas tendo acabado a resolver tickets de manutenção corretiva e evolutiva: incluindo revisão de <i>dashboards Microstrategy</i>, e um miniprojeto de <i>Housekeeping</i> da BD (scripts em PL/SQL). Saída repentina devido a defraudamento de expectativas iniciais face à oportunidade em questão.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Datas (de [dd-mm-aa] – até [dd-mm-aa]) • Nome e endereço do empregador <ul style="list-style-type: none"> • Tipo de empresa ou sector • Função ou cargo ocupado <ul style="list-style-type: none"> • Principais atividades e responsabilidades 	<p>De 12 de janeiro de 2015 a 19 de junho de 2016 Novabase Avenida Dom João II, nº34, Parque das Nações., 1998-031 Lisboa Consultoria TI Associate Professional - Envolvido em projetos de desenvolvimento e manutenção de <i>Data Warehouses</i> para clientes da Banca/<i>Financial Services</i> (mais recentemente no cliente SIBS); uso de tecnologias sobretudo Oracle: PL/SQL, OBIEE (até julho 2015), OBIEE MAD (até julho 2015), <i>Oracle Data Integrator</i> a.k.a. ODI (a partir de agosto 2015), <i>MicroStrategy</i> (a partir de agosto 2015), <i>Informatica PowerCenter</i> (até julho 2015).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Datas (de [dd-mm-aa] – até [dd-mm-aa]) • Nome e endereço do empregador <ul style="list-style-type: none"> • Tipo de empresa ou sector • Função ou cargo ocupado <ul style="list-style-type: none"> • Principais atividades e responsabilidades 	<p>De 24 de fevereiro de 2014 a 09 de janeiro de 2015 Teleperformance Portugal Avenida Infante Santo 2, 1350-178 Lisboa/ Cais Argonautas LOTE 2.34.01, 1990-011 Lisboa <i>Contact Center</i> Customer Service Representative (45%)/Real Time Manager (55%) - Como <i>Real Time Manager</i>: responsável pela gestão, em tempo real, várias campanhas de entrada, comunicando tanto com <i>Accounts/Cientes</i> e supervisores/operação, tentando identificar pontos de melhoria, e enviando relatórios de SLA de hora em hora. Ferramentas: VB, Excel, <i>OneSupervisor</i> (ótica de cliente), <i>Avaya</i> (ótica de cliente) - Como <i>Customer Service Representative</i>: fornecer suporte ao cliente (<i>ZeniMax</i>) em Inglês, através de vários canais: e-mail, telefone, chat. Ferramentas: <i>Oracle RightNow CX</i>. Outras tecnologias: <i>Avaya</i>, <i>OneSupervisor</i>, <i>Excel</i>, <i>VB</i>, <i>Microsoft SQL</i>, <i>et al</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Datas (de [dd-mm-aa] – até [dd-mm-aa]) • Nome e endereço do empregador <ul style="list-style-type: none"> • Tipo de empresa ou sector • Função ou cargo ocupado <ul style="list-style-type: none"> • Principais atividades e responsabilidades 	<p>De 8 de Outubro de 2012 a 7 de fevereiro de 2014 Rumos Campo Grande, 56, 1700-093 Lisboa Telecomunicações Consultor de BI/CRA por cerca de 80% dos 15 meses; Consultor de CRM por 20% - Pela Rumos, subcontratado à PT-SI, trabalhei em duas vertentes: Linha de Serviço de BI, mercado internacional, em três projetos de manutenção corretiva e evolutiva; e Gestão de Campanhas TMN (agora MEO) – “1to1”, trabalhando a responder a pedidos de catálogo, que envolviam desde desenvolvimento/alteração de <i>SmartScripts</i> em Siebel, como desenvolvimento/alteração de cartas de adesão dos clientes. Principais Tecnologias: PL/SQL, <i>Informatica PowerCenter</i> (2/3 projetos), ODI (1/3 projetos), UNIX <i>scripting</i>, <i>MicroStrategy</i> (1/3 projetos), OBIEE (2/3 projetos).</p>

**APTIDÕES E COMPETÊNCIAS
TÉCNICAS**

Adquiridas ao longo da carreira profissional, mas não necessariamente abrangidas por certificados e diplomas formais.

Linguagens de Programação: SQL e PL-SQL, Java, XML, HTML, C #, *Common Lisp, Perl*
Software de desenvolvimento:
- Banco de dados e ETL: Microsoft SQL Server 2008, Oracle 10g / 11g, Oracle Data Integrator (ODI)11g e 12c, Informatica PowerCenter, Shell Scripting (UNIX)
- Relatórios: OBIEE 11g, MicroStrategy 9+ e 10+.
- CRM: Siebel 8

**APTIDÕES E COMPETÊNCIAS DE
ORGANIZAÇÃO E GESTÃO**

Por exemplo coordenação e gestão de pessoas, projetos, orçamentos; no trabalho, em trabalho voluntário (por exemplo, a nível cultural e desportivo) e em casa, etc.

RESPONSABILIDADE, FLEXIBILIDADE/ABERTURA À MUDANÇA E CRIATIVIDADE, HABILIDADES ADQUIRIDAS AO LONGO DOS VÁRIOS PROJETOS PELOS QUAIS JÁ PASSEI (INFORMÁTICOS E NÃO SÓ).

**APTIDÕES E COMPETÊNCIAS
PESSOAIS**

Adquiridas ao longo da vida ou da carreira, mas não necessariamente abrangidas por certificados e diplomas formais.

LÍNGUA NATIVA

PORTUGUÊS

OUTRAS LÍNGUAS

Ler |. Escrever |. Falar |.
Compreender

INGLÊS

EXCELENTE

EXCELENTE

EXCELENTE

EXCELENTE

**APTIDÕES E COMPETÊNCIAS
SOCIAIS**

Conviver e trabalhar com outras pessoas, em meios multiculturais, em funções onde a comunicação é importante e situações onde o trabalho de equipa é essencial (por exemplo, a nível cultural e desportivo), etc.

BOA CAPACIDADE DE COMUNICAÇÃO E TRABALHO EM EQUIPA EFICAZ; BOM SENTIDO DE HUMOR. PARTICIPAÇÃO NO PASSADO EM ENCONTROS DESPORTIVOS AMIGÁVEIS (ENVOLVENDO UM CONJUNTO DE MODALIDADES DE EQUIPA CONSIDERÁVEL, COMO O FUTEBOL, BASQUETEBOL E VOLEIBOL) E EM VOLUNTARIADO EM FESTIVAIS DE CINEMA/AÇÕES DE ESCLARECIMENTO PARA AMNISTIA INTERNACIONAL.

**APTIDÕES E COMPETÊNCIAS
ARTÍSTICAS**

Música, escrita, desenho, etc.

Escrita de textos para um site de cinema nacional.

LICENÇA(S) DE CONDUÇÃO

N/A

INFORMAÇÃO ADICIONAL